

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 8

Agosto de 1915

Ano LXVII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Notícias, 110 — Lisboa

O CENTENARIO

DA

TOMADA DE CEUTA

Com brilho inferior ao que era de esperar se desenvolvesse em uma nação de tão brilhantes tradições marciais, e no momento em que mais viva se trava a momentosa guerra, que presentemente devasta algumas das mais ricas e fertes regiões mundiais, foi comemorado o quinto centenario da tomada de Ceuta. Se não houvesse sido a formosa e patriotica iniciativa tomada pelas benemeritas Sociedade de Geografia e Academia das Sciencias de Lisboa ¹, poderia até afirmar-se, que aquella gloriosa data havia passado esquecida dos corações portuguezes. E o facto é tanto mais para estranhar quanto que, uma das causas pela qual feroz e tenazmente pelem atualmente as grandes potencias, é a do — *predominio no Mediterraneo* —, que foi exactamente um dos pensamentos abrigados no peito daqueles nossos gloriosos antepassados que, não contentes com o senhorio que já sonhavam, talvez, em outras regiões maritimas, buscavam com a conquista de Ceuta alcançar a chave do

¹ Posteriormente á data em que estas linhas foram escritas, tambem a Academia de Sciencias de Portugal, sob a presidencia do sr. Presidente da Republica, que então era, realisou na sala das sessões da Camara Municipal uma sessão comemorativa dos Centenarios de Ceuta e de Afonso de Albuquerque.

Mediterraneo, para tambem assim assegurarem ali a conquista do ascendente comercial.

Não é o delicado momento, que o país atravessa, o mais proprio para recriminações, ou sequer para lançar notas plangentes nos erros ou lapsos das colectividades nacionais. O espirito público ou se move atualmente em exaltado fervôr sectarista ou desfalece, supondo que os mais graves perigos ameaçam a existencia nacional. Ambos os factos são perniciosos, porque uma nação só floresce quando dispõe de uma boa administração pública, e esta é inteiramente incompativel, quer com os excessos das paixões politicas, quer com os desanimos provenientes da falta de fé patriotica.

E é exactamente porque deixámos esquecer as brilhantes tradições, que nos legaram os portuguezes do seculo xv, olvido este, que mais uma vez se demonstrou agora na indiferença com que as classes populares acolheram a ideia de festejar um dos mais brilhantes factos dessa época, que infructiferamente se busca encontrar nas mesmas classes um pensamento nacional, superior ao do simples sectarismo politico, que a todos os nacionais reuna em uma unica aspiração patriotica. E tão flagrante é o caso, que tendo todas as nações, que tomam parte na guerra, um proposito de engrandecimento politico, territorial ou comercial, que não duvidam proclamar, análoga causa de rejuvenescimento e de fortaleza falta inteiramente no nosso país, e diremos que falta, porque o não temos visto aduzir ostensivamente.

Pois se não existe um ideal novo de expansão territorial, maior razão haveria para não ter deixado passar quasi que despercebida a comemoração das nossas glorias ultramarinas, efectivada na recordação da conquista de Ceuta. Compreende-se que as circunstancias não autorizem hoje a formação de um ideal patriotico por meio do engrandecimento territorial, mas ele bem podia formar-se pela valorização do que nos resta da herança, que nos legaram os nossos antepassados, e pela resolução firme da transformação do character nacional por meio de uma educação da mocidade, que, afirmando os mais valiosos dotes de character, a tornasse conscia e orgulhosa do grande papel historico que nossos avós haviam exercido no progresso da humanidade.

Recordar as glorias passadas, demonstrar como a nação con-

segiu realizar um grande ideal com tão pequenos recursos, como os de que dispunha, só porque a todos os nacionais alimentava então a mesma fé, é ainda um meio de conseguir levar ao espirito publico a convicção da verdade, que resplandece da asserção de Leonardo de Vinci:

«Raro cai quem bem caminha».

Em vez de desanimos, semeem-se em todos os actos e palavras germens de revigoramento nacional, porque bastante razão tinha o poeta espanhol, quando dizia;

Mal á sus hijos enseña
el que á sua patria desdeña
por pobre, mermada ó triste,
pues en sus hijos consiste
que sea grande ó pequeña.

Não ha de ser, tambem, por leis sem conto, mas pela transformação dos costumes que a felicidade nacional deve brotar. *Quid leges sine moribus?* Era a pergunta outr'ora já formulada, respondendo-lhe a sequencia interminavel dos factos, que os habitos formam uma verdadeira modalidade existente, contrariando a solene e cabal applicação das leis que lhes são contrarias. Os espanhois confirmam este mesmo pensamento no seu conhecido adagio:

—«Al cabo de los años mil corren las aguas por donde solian ir».

Se os habitos são maus, ha de ser pela educação que devem ser atenuados, até desaparecerem, não tendo a lei, por si só, poder para o conseguir por mais violenta que seja a sancção applicada.

Formule-se reflectida e ponderadamente um programa de reconstituição nacional, que importe o verdadeiro rejuvenescimento da nação, na fé da conquista das condições que a tornem, senão militarmente poderosa e respeitada, porque o impedem as minguidas dimensões do territorio continental, pelo menos rica, florescente e considerada pela evolução que uma conveniente educação da mocidade venha a operar no espirito

das novas gerações e pelo fomento desenvolvido nos seus amplos e férteis domínios coloniais.

A propaganda efectuada neste sentido foi patrioticamente iniciada, ha dias, na sessão da Sociedade de Geografia, em que foi comemorado o centenario da conquista de Ceuta. E' necessario que todo o país tenha presente as nobilissimas palavras, que ali se pronunciaram, para que elas sirvam de tema ao grande movimento de resurgimento nacional, que preconisamos. Saíram elas de alguns dos labios mais puros e autorizados entre os dos contemporaneos, homens que, respeitando as Instituições vigentes, não andam envolvidos nas lutas de competencias, que tantas incompatibilidades e más vontades originam, e que só no estudo das sciencias e na recordação da historia dispendem toda a sua actividade intelectual.

Ouvi-los atentamente representa, portanto, um dever patriotico, além de um recreio para o espirito. E, meditando nas palavras pronunciadas, queremos crêr que algum proveito redundará para a nação.

As propagandas outr'ora efectuadas por occasião do centenario de Camões e do Descobrimento do caminho maritimo para a India não se pode dizer que tenham sido infrutiferas, como bem recordou o sr. Braamcamp Freire, digno presidente da Sociedade de Geografia. E para que outro tanto agora se possa afirmar da que se refere ao Centenario de Cêuta basta citar dois factos. O primeiro, consiste na organização da brilhante, embora modesta, exposição industrial, que tem estado patente nas salas da Sociedade de Geografia, a qual em muitos pontos constitue uma revelação e um ensinamento. O segundo, será representado pela publicação de uma serie importante de obras, memorias e reedições de antigas crónicas, relativas ás nossas expedições á Africa e ao Oriente, que a Academia das Sciencias de Lisboa solicita e inteligentemente tem preparado, e em breve verão a luz da publicidade.

Essa acção de propaganda de resurgimento nacional pela apresentação dos resultados colhidos pelas industrias nacionais, e pela recordação das nossas glorias historicas, foi oportuna e doutamente exposta nas breves considerações com que o sr. Braamcamp Freire abriu a sessão comemorativa, a que temos feito referencia.

Seguiu-se-lhe o sr. Lopes de Mendonça, cuja alma de mari-

nheiro, cultivada sem cessar com o trato dos bons autores e a investigação de factos historicos, soube eloquentemente dar a nota patriotica naquella nobilissima festa.

Disse o digno official e academico:

«Senhor presidente, minhas senhoras e meus senhores:

«A Academia das Sciencias de Lisboa, que muito me honro de representar na presente festa, tomou a iniciativa de celebrar no ano corrente duas datas culminantes da historia portuguesa: o quinto centenario da conquista de Ceuta e o quarto centenario da morte de Afonso de Albuquerque. Associou-se a este empenho patriotico a Sociedade de Geografia, sempre sollicita nos seus esforços de levantar o espirito nacional pelo culto das nossas gloriosas tradições.

«Infelizmente, as circunstancias internas, agravadas pelo espantoso conflito mundial a que temos o triste privilegio de assistir, não permitiram que o governo da Republica levasse por diante o esboçado proposito de prestar ao duplo centenario a nota de grandeza, que devera ser-lhe inherente.

«As duas agremiações scientificas não desanimaram porém. A comissão nomeada pela Academia das Sciencias tem no prélo e em preparação um avultado numero de publicações comemorativas, textos historicos ineditos ou raros, memorias originaes, comunicações eruditas, resenhas bibliograficas, etc., tudo relativo á influencia e ao domínio de Portugal em Marrocos, ou ao excelso fundador do imperio portuguez no Oriente.

«Quanto á Sociedade de Geografia, a feição preferentemente pratica da sua acção civilizadora revela-se na cerimonia a que estais assistindo, tendente a confirmar á nossa amada patria a consciencia da sua progressiva vitalidade. Não me cumpre insistir no alcance economico e social deste certamen, com que a benemerita sociedade assinala as memorias de um passado épico. Dentro do campo especulativo, em que se compraz o espirito academico, relevai que eu acrescente breves palavras sobre o significado moral da dupla comemoração.

«Completam-se hoje cinco seculos sobre um dos mais transcendentos successos da historia portuguesa. Desafogado da ameaça castelhana, firmada definitivamente a existencia de Portugal no concerto das nações livres, D. João I, o rei eleito pelo povo, reconheceu a necessidade de acudir á expansão das irrequietas actividades nacionais fóra das acanhadas fronteiras peninsulares. A dois passos da costa algarvia, dominava o Islam, o inimigo secular, velho detentor do territorio hispanico, molesto perseguidor do comercio pacifico, fautor da insolente pirataria que afrontava a Cristandade. Foi contra ele que se voltou o gume da espada, afiada em Aljubarrota. A 23 de agosto de 1415, um revés fulminante dessa espada juntava á corôa de Portugal o senhorio de Ceuta.

«Era preciosa a joia. Assentada á beira do Estreito, no ponto em que as vagas do Atlantico, ainda turvas de misterios, se misturavam ás aguas do Mediterraneo, espelhadas de civilizações, Ceuta era, desde tempos imemoriaes, uma fonte de riquezas em que romanos, barbaros do Norte e arabes se haviam dessedentado. Mas a importancia da vitória, alcançada pelos portugueses,

não residia no valor intrínseco da conquista. Ceuta era para eles uma aurora, o despontar de um sol, o início de uma jornada ascensional que levaria o pequeno povo ás eminências da historia. Arrombando as portas da cidade mourisca, essa obscura nacionalidade penetrava de improviso numa região deslumbrante de sonhos e encetava uma missão que, na infima proporção dos seus recursos, roçava pelo fabuloso.

«No exíguo promontório de Ceuta, surge diante de nós a figura taciturna do Infante D. Henrique; o seu olhar profundo começa a riscar na onda azul a rota do Oriente; a sua mão nervosa alonga-se, encurva-se, enclavinha-se no ímpeto sublime de abarcar o planeta. Vidente de mundos, antevê na cinta do orbe a esteira de Fernão de Magalhães; sonhador de imperios, timbra com a cruz de Christo as amplidões ainda ocultas no misterio dos Oceanos.

«Esse olhar aquilino, sondando a imensidade velada aos homens, não desdenha comtudo as coisas contingentes. No horizonte proximo, azulam-se as cumiadas do Atlas. Uma região feroz se estende quasi na continuidade da patria, desentranhando-se em frutos, admiravel campo de exploração agricola, proveitoso derivativo para as energias belicosas. A politica sensata e pratica aconselha a conquista desse vasto territorio como base segura da prosperidade nacional.

«Mas a outra politica, idealista e grandiosa, impele esse punhado de visionarios para a dadiva do mundo á Humanidade, afrontando o mar Tenebroso, os monstros das Terras Ignotas, o fogo devorador dos Tropicós, todas as pavorosas quimeras da geografia medieval.

«Ceuta, acha-se na encruzilhada das duas estradas. A grei portuguesa, diminuta e mal provida, recusou-se á escolha: lançou-se resolutamente por ambas.

«Pela primeira, foi hesitante e incoerente a jornada. Não bastariam as forças congregadas do pequeno reino para levar a cabo uma empresa, para a qual ainda hoje se dão as mãos, com diminuto exito, duas potencias da Europa, a França e a Espanha. Sem embargo da fera resistencia de berberes e mouros, Portugal conseguiu comtudo cingir o litoral marroquino de uma cadeia, que devia estrangular o despotismo mahometano. Depois de Ceuta, a cruz de Christo ondulou Alcacer, Tanger, Arzila, Anafé, Salim, Mazagão, Azamor e chegou a flamejar ás portas da cidade santa de Marrakesh. Mas, através de quantas catastrofes! Guerras sangrentas, cêrcos formidaveis, expedições desastrosas, desde Tanger, que devorou um principe, até Alcacer-Quibir, que subverteu o reino!

«Por um milagre, único na historia universal, foi a politica idealista a que teve resultados mais fecundos. Dentro de um seculo, erguia Portugal ao acume do poderío e da gloria. O seu dominio orlava a Africa misteriosa, aferrava de passagem regiões opulentas do Novo Mundo, abarcava o mar das Indias, roçava pela China e pelo Japão, alastrava pelas ilhas do Pacifico. Nas suas lições aprendera Christovam Colombo, no seu exemplo ia formar-se a maior potencia imperial do mundo, a Grã-Bretanha.

«E porquê?

«Porque pela primeira estrada o haviam guiado caudilhos espertos e valerosos, mas nunca se lhe deparára um desses entes privilegiados que a Antiguidade consagrava como semi-deuses e os modernos admiram como genios.

Por isso a estirada Iliada de Africa só teve de verdadeiramente sublime o seu final de tragedia.

«Na segunda, apenas desbravou o transitio, logo de improviso ascendeu ás alturas vertiginosas, porque o Destino lhe suscitou o mais excelso condutor de homens, que desde Alexandre Magno apparecera, e do qual só três seculos depois surgia um emulo numa aspera ilha do Mediterraneo. Esse competidor do grande macedonio e de Napoleão o Grande, chamou-se, Afonso de Albuquerque, e a sua morte marca o apogeu do poder portuguez, o zenite do sol glorioso, que teve o arrebol em Ceuta.

«Eis o que intimamente correlaciona as duas celebrações centenarias, apartadas por quatro mēses incompletos. Esses quatro mēses podem dizer-se a redução representativa de um seculo de heroismo, os cem anos que medeiam entre 21 de agosto de 1415 e 16 de dezembro de 1515. É a curva ascensional da nossa orbita historica, é o passo inaudito de um pigmeu numa jornada de Titans.

«Por isso a Academia das Sciencias de Lisboa teve a ideia de conjugar os dois centenarios, por maneira que o período festivo, iniciado no dia de hoje, terminasse em 15 de dezembro proximo. As suas aspirações só muito modestamente poderam ser levadas a effeito, mercê da benemerita colaboração da Sociedade de Geografia.

«Modestamente, sim! Em minha opinião, a dupla comemoração deste ano de 1915 devia exceder em brilhantismo quantas festividades centenarias se têm celebrado na nossa terra. Não ha para ela tradição mais grandiosa do que a dêsse ciclo epico, em que se acham conglobados os maximos serviços, que lhe deve a causa sagrada da civilização. Devera a evocação desse passado heroico contribuir para alentar a alma portugueza na continuidade da sua missão historica. Se a aurora de Ceuta passou ha cinco seculos, se logo um seculo depois esplendeu o meio dia de Albuquerque, é o crepusculo desse astro radiante que ainda hoje aquece a nossa patria e lhe dá prenuncios esperançosos de novo arrebol. Avivando aos olhos do mundo, pelo retumbar das nossas aclamações, as memorias pelo mundo inteiro respeitadas, nós proclamariamos bem alto a nossa energia para a caminhada do futuro.

«Este patriotico *desideratum* não pôde realizar-se. Mas as duas colectividades scientificas orgulham-se de ter cumprido nesta conjuntura o seu dever civico. Á Academia das Sciencias teem os poderes publicos facilitado a realização do seu mais especial empenho. Graças ao paciente esforço, á fecunda erudição, aos brilhantes talentos da comissão a que me honro de presidir, os dois centenarios terão uma perduravel e condigna comemoração.

«A Sociedade de Geografia, com os olhos replectos das grandezas do preterito, mas sempre fitos nas esperanças do porvir, celebra por bem cabida forma a grande revolução mundial, impulsionada pelos nossos antepassados dos seculos XV e XVI, revolução que rasgou ao commercio das nações novos e esplendidos horisontes. A sua ideia, generosa e salutar, é que reconquistemos pelo trabalho pacifico a grandesa que outr'ora conquistámos á custa do sangue derramado. A presente demonstração da actividade industrial do país dá-nos sobejos alentos para empreender essa tarefa.

«Entremos nela com denodo. As gerações sucedem-se, os ideais renovam-se, mudam-se os simbolos da nacionalidade, a patria é sempre a patria.

O grito *Santiago! Portugal!* que em tempos de fé viva reboou sobre as hostes portuguezas; o grito com que os inclitos infantes assaltaram as portas mouriscas de Ceuta; o grito que diante dos muros de Gôa irrompeu da bôca de Afonso de Albuquerque, o maior homem da nossa raça nos domínios da acção; esse grito é tão fecundo de entusiasmos, tão cheio de acrisolada devoção e de sagrado amor, como este que aneia agora por soltar-se de todos os corações para encher o ambito desta sala e para retumbar pelo país inteiro:

«Viva a Republica Portugêsa!»

Não ha coração que não vibre de entusiasmo ao lêr o discurso, que fica transcrito, no qual o sr. Lopes de Mendonça soube encontrar e pôr em relevo, sem falsear a historia, os topicos da grande acção portugêsa na conquista do Progresso, em que a Humanidade anda empenhada desde os seculos mais remotos.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra outro militar não menos illustre, e professor considerado, o sr. contra-almirante Almeida d'Eça, cujas conceituosas palavras merecem ser igualmente reproduzidas. Disse s. ex.^a:

«Ao cabo de trinta anos de estudo e de ensino de uma das mais importantes secções da Historia, chego quasi a persuadir-me que nada sei, que nada é possível saber, com verdade, do que se passou antes de nós, no tempo e no espaço.

«Andamos, os que labutamos na investigação anciosa da Historia, com poucas ou muitas prendas naturais, com pequeno ou grande cabedal dos conhecimentos ancilares, andamos todos, por anos e anos, a empregar os maiores esforços para determinar com exatidão o que foi um homem, o que foi uma época, o que foi um povo; ao fim de tantos esforços, encontramos-nos desalentados, porque nos sentimos duvidosos, porque desconfiamos que a verdade nos escapou, e até, quantas vezes, porque um pequeno incidente, antes desconhecido, um fio de luz, antes não visto, nos vem dizer que a orientação adoptada carecia de fundamento, que o personalismo do critico, honestamente repellido com toda a sua boa vontade, se insinuára, subrepticio, com insistencia, com acinte malevolo, como que a vingar-se da repulsa, para a final vencer, e dizer-nos triunfante e sarcastico: Enganaste-te, nada sabes e nada sabe-rás!

«A três causas se pode attribuir, se não estou em erro, esta falha dos estudos historicos: a propria dificuldade do trabalho, o personalismo do critico e a mentira dos documentos.

«Fazer historia é principalmente fazer psicologia, dos homens e das multidões; é determinar os factos, os seus antecedentes e as suas consequencias; é penetrar no amago, no mais recondito, dum ser humano, e ir lá buscar, perseguir, prear a ideia, a intenção, o desejo, a determinante do acto praticado; é introduzir-se nas aglomerações sociais e ouvir as vozes, compassivas ou ululantes, prescrutar os aneios, temerosos da denuncia ou decididos na explo-

são; e depois analisar cada elemento, relacioná-los, coordená-los todos; é por fim apurar a síntese e dizer: a «verdade» é esta.

«O simples historiador é um juiz de instrução; ouve e relata; se quer ser crítico, é um juiz de direito; julga, e absolve ou condena.

«Ora bem; falemos com sinceridade. Quem ha aí que na conversa com outrem, ou na discussão entre muitos esteja tão seguro dos seus processos de inquirição que possa convencer-se de ter arrancado o segredo, de ter apurado o facto realizado ou a intenção do plano futuro, se o possuidor do segredo ou do plano fôr tão inteligente ou mais que o inquiridor, e estiver decidido a fechar-se... a defender-se, a guardar-se da investigação?

«Mas o investigador, o crítico, é um homem. Tem os seus ideais próprios, os seus princípios, as suas regras de proceder e de julgar. Ele bem sabe que deve por de parte tudo isso; ele bem sabe que tem de ser surdo a todas as sugestões, cego para todas as miragens. Não pode; o «personalismo» infiltra-se, enrosca-se nos meandros do cerebro, dá ao critico uma visão especial, que por vezes, como succede com certos pintores, lhe faz transtornar por completo o desenho e a côr. Não pôde: o «personalismo» insufla no critico a sua paixão tão humana, é certo, fá-lo apaixonar-se a favor ou contra o homem ou a época; a favor, se o homem procedeu conforme os ideais do critico, contra, no caso inverso. E aqui temos nós a segunda das grandes dificuldades dos estudos históricos.

«Mas a maior de todas é a «mentira» dos documentos. Bem sabemos que no documento se deve buscar a luz da verdade; ele não pode enganar-nos; é inerte, não tem interesses, diz o que está escrito; logo um «documento» é uma prova de certeza, o ponto está que ele seja autentico, que não seja forjado. Puro engano; o documento foi escrito por um homem; esse homem podia ser ignáro, ou peor ainda, podia ter interesse em enganar; o documento pôde não provar coisa alguma.

«E, se não, vejamos o que está succedendo nesta tristissima epoca, em relação ao tremendo conflito dos povos, a nenhum outro comparavel. Quereis documentos? Consultai os despachos, as informações que se dizem officiais, as narrativas dos correspondentes, os telegramas das agencias... São documentos autenticos, assinados, reproduzidos aos milhares; é com eles que o futuro historiador ha de apurar a verdade!

«Se quasi nada sei, nem entendo dô que se passa agora nesse enorme campo de batalha, que é a Europa inteira, como saberei ao certo o que se passou no decurso dos seculos anteriores?!

«Mas, a par da historia, antes mesmo dela, ha a lenda.

«A lenda é o produto necessario da imaginação; necessario porque é humano; e como os homens hão de ser sempre homens, ha de formar-se sempre, para cada facto historico, a lenda correspondente. A lenda não é somente obra dos primitivos, dos simples, dos iletrados; não é apenas o trabalho dos aedas, dos trovadores, dos cantores das feiras, dos cegos das estradas. A lenda é produto de todos os tempos, de todas as civilizações; fazemo-la nós, inconscientemente, pela força do sentimento, da imaginação. Luta o hiper-critico por descobrir na lenda o facto historico; bom é o metodo, porque toda a lenda tem um fundamento de verdade; o ponto está em poder separar a jorra do metal puro.

«Pretender, porém, matar a lenda, extirpa-la da intelligencia, ou melhor, do coração do homem é tentativa baldada, e pelo menos cruel. Por uma lenda que se destroe, outra surge; ou então fica a aridez, a esterilidade do facto, banal, amesquinhado, reduzido ás frias proporções dum interesse grosseiro, duma paixão criminosa.

«Considerai, ó vós que passastes por este transe, a filhinha idolatrada, o sangue do nosso sangue, a que nos parecia tesouro de todas as perfeições, aquela para quem sonhávamos todas as venturas; é a lenda.

«Vem o medico; não quer saber da belesa escultural; para ele o esqueleto é tudo; a circulação é quem governa; palpa, ausculta, sentenciona, condena; é a Historia. Não; não quero a historia que mata, prefiro a lenda que vivifica.

«E vós que professais o culto dos super-homens, não prescriteis muito a psicologia de Dario ou de Themistocles, de Cesar ou de Catão, de Alexandre ou de Carlos Quinto; deixai que a lenda floresça, não profundeis a historia, conservai a esses nomes as galas de que os revestiram os fanaticos ou os adulaadores; não lhes descobrais os pés de argila, os calcaneos da fraqueza.

«Precisamos da lenda; é ela que nos fortifica, que nos anima, que nos impulsiona no caminho dos sacrificios, da abnegação pelo bem comum. Lendarias são as Côrtes de Lamego; mas o autor da pia fraude atribuiu-lhes uma regra que deve ser o nosso lema «nos liberi sumus»; no dia em que esquecermos essa afirmação, no dia em que deixarmos de proceder consoante ela exige, nesse dia morreremos.

«Reunimo-nos hoje aqui para celebrar, um facto memorabilissimo da nossa historia — a tomada de Ceuta.

«Porque se organizou a empresa de Ceuta? Quem o primeiro que teve a ideia? Que fins se propuzeram os governantes? Estava o cometimento no espirito da gente portuguesa? Foi conveniente para a nação que o feito se realizasse?

«Não sei responder. Poderia, de certo, sem novidade de conceitos nem louçanias de estilo repetir em sintese, o tanto que sobre o assunto se tem escrito. Poderia, mais uma vez, dizer que de Ceuta saíram os descobrimentos maritimos, e a escola de Africa; que Ceuta foi o crisol da valentia portuguesa. Poderia, com desculpavel vaidade da raça, de que descendemos, recordar que, se o dominio portuguez deciu na Mauritania, nenhum outro lá se manteve até ao presente, duradouro e tranquilo, nem mesmo dispondo dos meios materiais, que nós nunca tivemos.

«Mas tudo isto é a Historia, tal como se tem feito, incompleta, deficiente. Todos vós a conheceis.

«O meu fim ao tomar-vos alguns momentos, foi outro: foi falar-vos da lenda.

«Ceuta fôra conquistada. O exito alevantava os animos. Devia seguir-se Tanger. Mas o mouro, posto de sobre-aviso, preparara-se. A empresa de Tanger malogrou-se; o Infante D. Fernando ficou prisioneiro. Seguiram-se negociações para o resgate; era facil: Portugal que largasse Ceuta, o mouro restituiria o Infante.

«Começa então a tragedia. Eu não creio que seja exagerada a narrativa

da crónica, quando nos conta os vilipendios e os insultos, os incomparáveis martirios, a que o furor do mouro submeteu o desditoso. Quem viu, nos nossos dias, nessa Tanger ao de leve violada pelas apparencias da civilização europea, o santão de longas barbas brancas estremecer de horror, só porque um estrangeiro fitava curioso a porta da mesquita; quem viu no bazar de Suez os vendilhões, acorados no limiar das imundas lojas, cuspir para o lado á passagem do «cão de cristão», bem guardado pelo janizaro do consulado; esse pôde apreciar o que seria o odio, a furia, o desespero com que na pessoa de D. Fernando se saciava a vingança do ultraje sofrido em Ceuta.

«E a lenda formava-se. O Infante era santo; as bestas-feras que o guardavam, inutil precaução, na estreita masmorra, onde não entrava ar nem luz, rendiam-se á dulcissima mansidão do condenado, e ele, lá dentro, ouvindo que se pensava em o resgatar a troco da praça conquistada pelo seu esforço, com o dos irmãos e o dos cavaleiros e peões de Portugal, tinha ainda alento para dizer num derradeiro arranco de patriotismo:

«Não largueis Ceuta! Não largueis Ceuta!» «E' lenda? Talvez. Documento autentico de que tais palavras foram proferidas, não ha; possível é que elas fossem inventadas para justificar a fria razão do Estado, que se opunha á durissima condição oferecida.

«Não importa. Aceito a lenda. Quero-lhe como se fosse factó plenamente provado. Consola-me a alma de português. Ensina-me a crêr e a proclamar que o grito do Infante Santo no ergastulo de Fez deve ser o grito de todos nós.

«Defendamos Portugal! Defendamos, que o mesmo é, as nossas colonias, tão nossas, que são o nosso esforço, o nosso nome, a nossa Historia!»

As duvidas do esclarecido orador ácerca da veracidade de muitas das paginas da Historia são compartilhadas por outros espiritos não menos lucidos, penetrantes e imparciais. Sem nos afastarmos muito do torrão patrio, nem no espaço, nem no tempo, considerando apenas o que sobre o assunto escreveu, logo para lá da nossa fronteira, um dos mais cintilantes talentos contemporaneos, que foi Campoamor, recordaremos como as seguintes palavras deste se acordam com as do sr. Almeida d'Eça:

«No creo una palabra de la historia antigua, desde que he visto como se escribe la moderna.»

Mas esta incredulidade tem limites. Póde efectivamente duvidar-se da razão de ser de muitos factos historicos, e até da propria existencia de alguns destes, mas o que não pode logicamente admitir-se é que esse estado de incerteza se amplie por modo a contrariar a verdade inteira de casos de tão magna importancia e ressonancia, como são os que representam no seu contexto geral a acção desenvolvida pelos nossos antepas-

sados na Africa e no Oriente. Nem o esclarecido orador aludido o pertendeu fazer.

Por muito que se repute deficientemente provado, de quanto consta nos registos historicos, ainda fica com a mais brilhante irradiação o bastante para constituir a glorificação de um povo, e para o poder erguer da prostação em que porventura haja caído, devido a circumstancias emergentes, proclamando a sua reabilitação perante o mundo.

Para que uma tal empreza se consiga, indispensavel se torna que a propaganda incitativa não decline jámais de intensidade, a fim de que as soluções de continuidade occorridas não façam perder o terreno conquistado e desfalecer por falta de seiva a planta, que prometia opimos frutos.

A celebração dos Centenarios de Camões e do Descobrimiento do caminho maritimo da India, foram processos realmente vantajosos para iniciar o ressurgimento da alma nacional. O que prejudicou o exito desta empreza foram as soluções de continuidade, o silencio intercalado entre essas manifestações. Dizia Alexandre Herculano, que — «no meio de uma nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdocio. Exercitam-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime».

Porque a voz do grande historiador não foi atendida, por que o sacerdocio da recordação do passado não tem sido exercido, nem com o tacto, nem com a tenacidade indispensavel, é que debalde se busca neste país, o meio de acordar o povo da especie de letargia em que parece mergulhado.

Urge preencher a lacuna. Que os que podem e sabem venham a publico exercer «a magistratura moral» de continuar a obra patriotica, agora realizada pela Academia das Sciencias de Lisboa e Sociedade de Geografia, da recordação do passado com a mira deliberada de preparar o futuro revigoroamento nacional.

GENERAL MORAES SARMENTO.



Narrativa historica

Certo serei comvosco Senhor marechal, podeis contar comigo. E' a ordenança de Sua Alteza quem o determina, e os receios de peleja nunca turvaram o rosto d'Affonso d'Albuquerque.

As grandezas do governo não podem tornar ingrato a quem sem vós, ainda seria em ferros d'El-Rei em Cananor, a titulo de dementado e revoltoso, por cujo empenho a India se perdia.

Mal aconselhado andou quem lá no reino vos persuadiu, que a tomada de Calicut é feito leve, como arrancada d'adail contra cavalgada de mouros, que venha ladrar de noite ás portas da praça de Safim.

D. Fernando de Sousa Coutinho ao vêr combatido o seu intento, rapido lhe tornou entre desdenhoso e despeitado.

De pouca monta será o feito, pois esses negros d'espada e rodela, os naires, a quem vós por aqui chamais fidalgos, não valem juntos meia duzia de lanças de Xarife. Veremos como amanhã, ao enxoral-os por esses campos fóra, se desfazem em fumo os biocos de Calicut, com que em Portugal tanto se avulta o risco d'estas escaramuças das campanhas do Malabar.

Para combater uns pretos nús, quasi desdenho do elmo e da couraça. Em verdade vos digo, que em bréve descançare-

mos a sesta nos paços reaes de Samorim, e não haverá chusma de naires nem de mouros que nos tolha, pois a victoria será dos portuguezes.

Amen, e que S. Thiago vos ouça, pois eu serei comvosco n'avançada, e o favor divino vos guarde d'algum mau passo, que mal governado vae no rumo quem desprezar o inimigo.

Longe vá o agouro, e a vós, lobos do mar, que vos não pese de trazer victoria quem agora pela primeira vez pisa a terra do Oriente.

Arrenego da vida que levo, que já estes ares da India turvaram o vosso animo justiceiro. Nunca d'invejas cuidou Affonso d'Albuquerque. Por S. Thiago, que nunca os portuguezes em vespera de batalha discutiram argumentos, que podessem estorvar as possantes cutiladas.

Esta scena passava-se no chapiteu da nau capitania da Armada do marechal de Portugal, D. Fernando de Sousa Coutinho, fundeada na costa, pelo travez de Calicut. A noite ía alta, e ao luar alvejaram entre os tufos de palmeiras os minaretes e cupulas da cidade. O perfumado terreno rescendia aromas do copado arvoredado, que vestia a extensa planicie, e nos ultimos planos, recortando as cristas no azulado firmamento, negrejava o vulto das escarpadas serras do sertão. Nas ribas da costa em phosphorecentes escarceos rebramava o mar, quebrando as tumidas ondas da maresia, e ao largo sobre o dorso das aguas, onde a tremulina da lua cintilava, jogavam n'um balancear dolente, os negros e pesados cascos de vinte naus e caravelas portuguezas, a cuja sombra se acolhiam os paraós de Cochim e Cananor.

Treze annos havia já, que Vasco da Gama ali aportára, com trez modestos navios. Zombara o Samorim do navegante, a quem então alcunhara de pirata.

Estavam a 3 de janeiro de 1510, e mais uma vez a sorte das armas iria acerbar o odio secular entre os defensores de crenças diferentes.

Alta ía a noite quando Albuquerque regressou á sua nau. D. Fernando acompanhou-o até á tolda do capitão, na mareação da qual se rasgava o portaló, a que estava atracado o esquife do governador da India.

Ficai-vos com Deus, que logo ao romper d'alva seremos todos em terra, e cumpridas as ordens d'El-Rei e as vossas, pois é vossa a bandeira do commando. Soldado obediente seguirei o feito, e a victoria que S. Thiago nos vae dar contra estes perros infieis.

Dizei aos vossos homens, bradou o marechal,—quando já o proeiro aferrava o croque no costado, e o esquife ia para largar—que ninguem s'esqueça do meu bando, pois a quem fôr da minha armada mandarei cortar a cabeça, se para ganhar honra fôr o primeiro a saltar em terra, onde desembarcaremos todos juntos. E se fôr gente da India, e o seu capitão geral lhe não fizer o mesmo, nunca mais com elle haverei palavra.

Ao romper d'alva rasgarei esses biocos de Calicut, pese a victoria a quem pesar, que de Portugal não naveguei até tão longe, para mudar de proposito como soldado bisonho ao avistar o inimigo.

E ar é do esquife, envolto no gibão negro, que aconchegava ao peito para o guardar do frio, escutando o ranger aspero dos remos nas toleteiras, ia pensando o grande capitão. Valente soldado a quem sobra o arrojo, mas a quem falta a prudencia que nos dá ser velho. Arrenego da vida que vivo. Mais um a quem fez mal o meu officio, e estes damnados ares da India, capazes de marear ouro de lei.

Fôra El-Rei D. Manuel quem ordenara a tomada e destruição da cidade. D'essa facção encarregara o marechal, para d'accôrdo com o capitão geral da India darem juntos na cidade.

Albuquerque contava então sessenta annos, e n'elle a idade mais aprimorara o valôr e o engenho. Se não era ainda o Senhor de Gôa, de Urmuz e de Malaca; era já o leão do mar; o salvador do reino de Cochim; o conquistador de Curriate, Mascate e Orfagão; o mais nobre e eximio capitão de El-Rei D. Manuel, *o venturoso*, ao renome do qual a India estremeceia.

Despontava a aurora, e dois mil homens portuguezes embarcados nos vinte paraos, que o rei de Cochim mandara para servir ao desembarque, aguardavam sobre remo o terminar

da confissão geral, e a publicação d'indulgencias para os que morressem na batalha.

Em devoto silencio, com a fé sincera dos crentes, receberam a benção, que da pôpa do galeão capitania sobre aquella flotilha em tom de guerra, solememente lançara um frade da ordem d'Aviz, confessor d'Affonso d'Albuquerque.

Ouviu-se então vibrante a voz do marechal bradando: S. Thiago, ávante! E os bateis alinhados de prôa á terra arrancaram na voga larga contra a praia da cidade, buscando abicar defonte das palhotas dos Macuas pescadores, ondè a vaga desdobrava com menor furia, espreguiçando-se em alvos lençoes d'espuma por sobre a areia rutilante.

Dardejava o sol nascente arrancando chispas d'ouro dos acerados ferros das lanças de que iam crespos os bateis, e as armaduras rutilavam inflamadas pelos raios rubros do astro, que vinha subindo magestoso. Tremulavam os estandartes ao sopro da brisa material, garbosamente erguidos nas proas pelos alferes dos capitães.

Ao centro, na embarcação do marechal, destacava-se a bandeira real com o brazão do reino; e na ala esquerda, arvo-rado entre lusido grupo de guerreiros, tremulava o guião de damasco branco bordado com a cruz vermelha de Christo, que D. Manuel entregara a Albuquerque á largada do porto de Belem.

S. Thiago, ávante! respondeu em sonora grita a soldadesca, e ao clangor das trombetas bastardas, que soavam destemi-das, casava-se o bater dos remos, o remorejar das aguas cor-tadas pelas quilhas, e o rugir sinistro das ondas a desabar na plaga, espadanando e contorcendo-se em temerosas catadupas.

A agua corria muito. A ala esquerda apertava o remo, e mantinha o rumo; enquanto o centro e a direita, baralhada a formatura, ia com a maré descahindo para o sul, onde a levadia do mar era temível.

Na praia ia enorme reboliço. Capeavam os mouros nas estancias agitando as armas, e os gritos dos naires, reboando no concavo dos escudos, similhavam rugidos d'animaes bravios.

Olhai João Affonso como os reinões vam abatendo para o sul. Já não acertam a voga com medo dos pelouros, e ainda

não rompeu a musica das bombardas, nem o zenir das settas e zarvatanas como zumbir de mosquitos em varadouro de naus á beira de palmar na ilha de Vaipim.

Isto dizia para um soldado, que lhe ficava perto um robusto marinheiro remador no paráo de D. Antonio de Noronha.

Olhai mano, respondeu o outro, erguendo a viseira do capacete, e deixando vêr no rosto o sulco d'um gilvaz enorme.

Vede como elles vam bravos, como touros de Salvaterra, sem se lhes dar do bando; que muito cerrados terei os olhos se não lhes discubro ganas d'investir os mouros, primeiro que pouse em terra o marechal. Vede como Vasco da Silveira e Rodrigo Rabelo mandaram picar a voga, e a dianteira que levam.

D'aqui, por entre os pavezes, enxergo o anafado marechal, de pé sobre a xareta, agitando os braços, como moinho de vento em combro da minha terra ao soprar do norte.

E mal comparado não vai o vosso dito, pois o bojudo arnez parece tonel d'aguada, e coroado pelo morrião emplumado dá-lhe seus ares de moinho de mouriscos.

E Antonio Fernandes tresvirando a pá do remo, e inclinando o corpo para a frente para aguentar outra remada, ria despreocupado sem cuidar dos riscos da peleja.

O sol aquece, mas maior será o calôr d'esta briga, que buscamos. Nem só vós, que tendes as armas por officio, hoje te-reis de campear na lide. O esquadrão dos seus cavalleiros, como nos chama a nós gente do mar, o senhor Affonso d'Albuquerque, não vos ha-de ficar atraz n'esta arrancada, e abarrotareis d'inveja até aos gorgomilhos ao ver o primor do seu lidar.

Eh! marinheiro que estourais d'embofias. Ao varar em vergeis de rosmaninho já não podem nadar os roázes do mar alto.

A' fé! Brève entenderemos quem tem a espada ou a lingua mais comprida.

Leva de rumor. Arvora remos, interrompeu o timoneiro, guinando com o leme a pôr a vaga na prôa do batel, e a disputa terminou.

Aproximavam-se da arrebentação da costa, e as primeiras rugas da ondulação do largo começavam d'altear em recurva-

das cristas, avançando como columnas de combate ao assalto do areal e dos fraguedos.

A flotilha do capitão geral aguardava sobre o remo, que D. Fernando e a sua hoste podessem desembarcar seguros. Albuquerque no seu parão dava o exemplo de militar obediencia. A este tempo Vasco da Silveira e Rodrigo Rabelo com os soldados do seu commando, sem darem pelo que estava combinado, andavam já na praia ás lançadas com os mouros. Ao longe, ao sul, o marechal acabava de desembarcar, e em volta do estandarte real ordenava-se a lusida hoste de fidalgos. e numerosa peonagem.

Ao norte, no Cerame, travava-se a batalha, troavam berços e bombardas, era tempo de saltar em terra a proteger a investida dos recrutas grumetes e lascarins dos parãos de Vasco da Silveira e de Rabelo. Ouviram-se de novo os estridulos sons das trombetas de Albuquerque. Com a pericia excepcional dos velhos mareantes, entre o rebramar das ondas da resaca, desembarcaram, formaram fileiras, e seguindo o guião de Christo investiram com os mouros.

Reluzente na sua cota de combate, brandindo a espada, commandava a batalha o velho capitão, e como se lhe não pesassem annos, animava os soldados com a voz, e com o exemplo. E aos brados de victoria entraram de roldão as estacadas.

João Affonso e Antonio Fernandes, o homem d'armas e o marinheiro; um armado n'um cassolete inristando a lança, e o outro de peito a descoberto, com um capuz de malha a guardar-lhe o vulto, e sopesando um machado d'abordagem, corriam a par na fila da vanguarda, acompanhando a grita da soldadesca: Cerra! Cerra! por S. Maria e sua terra contra estes perros de Mafoma.

Fugiam os mouros e macuas, e as seis bombardas grossas do Cerame, quebradas as camaras, mutilados os estrados, e despenhadas pela brecha da tranqueira, formaram a primeira escada triumphal, arvorada pelos veteranos da India no assedio e entrada da opulenta Calicut.

Acabara a resistencia. Em completa debandada os inimigos corriam para os vallos, que guiavam á cidade.

Ardiam as palhotas do bairro dos macuas, e as volutas do fumo denegrido erguiam-se aprumadas para os ares, porque a viração ainda não viera agitar as folhas das palmeiras, atenuar o ardor da calmaria, agravada pelo rutilar do sol nas areias do litoral adusto.

Distante ainda, vinha caminhando açudado o marechal, e a gente da frota de seu mando. Fatigada pela marcha sob aquelle sol abrazador, mal podia soffrer o peso das armas, que mais lhe difficultava a carreira por cima d'aquelle solo movediço.

D. Fernando excessivamente gordo, cançado, apoiado aos hombros d'um pagem, que lhe levava o escudo a tiracolo abafava dentro do peito d'aço, dos braçaes e dos cochotes, que vestia. Sobre o gorjal tufavam-lhe as carnes do pescoço, e pelo rosto vermelho e congestionado as bagas de suor corriam-lhe abundantes, a sumirem-se-lhe nos pelos emaranhados da barbicha. Tirara o capacete, que substituíra por um gorro de veludo, parecendo desarmado á vista da roda de fidalgos, brilhantes de penachos e plumas, trajando jorneas com divisas e brazões, por sobre as suas ricas e polidas armaduras.

Ide dizer ao senhor marechal, disse o governador, que não venha tão azinha. O Cerame é já tomado, e por agora o inimigo vae fugindo.

Entrementes o marechal e os seus eram chegados, e Albuquerque sahio da tranqueira a recebê-los.

Com a voz embargada pelo canção e pela ira, D. Fernando Coutinho esbravejava. Desmandados sois vós outros, que não quereis quem vos governe. Como rebeldes mereceis as cabeças no pelourinho, pois o regimento d'el-rei me dá alçada. Nem d'extranhar é para mim o que fizestes, pois são sempre os mais fraços, que nos azares da guerra vam diante.

Tende-vos senhor. Azada não vae a hora para queixas. Vosso servidor é Vasco da Silveira, e nem por isso vos respeitou o bando, e se não fora com os meus cavalleiros a ajudal-o não verieis agora arvorado o meu guião, ainda assim tão modesto, que não faz leve sombra á bandeira que trazeis. Descançai um pouco da fadiga; o sol abraza como fogo, e d'aqui aos paços do rajah ainda vae extensa caminhada.

Cheio de desconfiança o marechal respondeu apaixonado. Bem vos conheço o intento, que me não quereis deixar passar d'aqui.

Pela gorja vos juro, que irei ás casas do Samorim sem mais de-
tenção, e destruirei a cidade e os seus naires, sem mister de conse-
lhos de tutor. Quem quizer ir comigo vá. Quem não quizer fique.

E vós Gaspar da India, disse D. Fernando para o judeu,
que servia de lingoa e era practico do lugar, marchai adiante,
insinai-me esse caminho, que tenho pressa de partir; e mais
temerario que exforçado começou a caminhar contra o palmar,
cuja franzina sombra o sol, mal deixava debuchar na terra.

A Calicut! A Calicut! acclamavam os fidalgos anciosos do
combate e da desforra.

Sabei senhor marechal, que vos fallei verdade, por gloria e
serviço de Sua Alteza de que todos somos servidores, Não fal-
tará na briga o velho Affonso d'Albuquerque, e notai, que não
será dos derradeiros.

E seguindo o guião de damasco branco, que Gonçalo Quei-
mado floreira nobremente, o esquadrão unido e a passo cheio
abalou, protegendo a rectaguarda da coluna.

Chamou de parte D. Antonio de Noronha e ordenou-lhe:
Ficai-vos aqui sobrinho com Rodrigo Rabelo e trezentos ho-
mens, de guarda á entrada d'estes vallos, e não vos arredareis
d'aqui até, que eu volte vencido ou vencedor. Mandai agora o
mestre da minha nau e os grumetes queimar as embarcações
no varadouro. Invejavel posto é este em que vos deixo. De
vós dependerá talvez a salvação, e a honra da milicia da India
portugueza.

Eram já entrados na cidade, e até ahi ninguem lhes sahira
a disputar o passo. Ouvia-se a grita dos malabares, e o rufar
dos atabaques com que se animavam para a lucta.

N'uma volta da estrada, onde o matto rompia mais cerrado,
um bando de trinta naires, armados de espadas e adagas, veio
acometter a vanguarda.

O marechal ia na dianteira, e ao ver os indios nus arremet-
ter aos saltos e bradando, disse em tom de mofa para Gaspar
Pereira, que ia junto d'elle.

É este o inimigo com que tanto nos espantais no reino?
Dai n'elle, que não vale infadar-me por tão pouco.

Divisava-se já perto uma mèsquita, a que os mouros tinham
barricado a porta, para vender caro as vidas, á vista das mu-
lheres e dos filhos, que tinham vindo ali buscar refugio.

Arrazai e ponde fogo a esse covil de Mafamede. Atiçai o lume da fogueira, agora começam a desfazer-se em fumo os biócos da vossa Calicut.

Desembocavam n'uma vasta clara, onde vinham convergir as ruas da cidade, e pelas quaes se despejava a turba amedrontada, soltando clamores de susto e d'agonia.

Já o semblante da guerra parecia mais saque que batalha; e muitos dos homens d'armas, grumetes e lascarins, gente sem vergonha, e sem temor dos pregões que se lançavam, mettiam-se a roubar pelas casas, mais como salteadores do que soldados.

Mao sestro é este da gente das armadas, dizia o judeu para Leonel Coutinho, que se muito a deslumbra uns sonhos de gloria, maior é a cegueira ao luzir d'uns xerafins.

O guerreiro sentio a vergonha do doesto, e mais lhe pesou a fonte d'onde vinha. Um misero judeu, que em Portugal a estrella do gibão assignalava, ousava dizer verdade tão amarga, máo grado do capitão a quem obedecia.

Callai-vos judeu se não quereis arrancada a lingoa viperina. Miseravel cão de trela cumpri só o vosso officio de guiar.

Andai presto mestre Gaspar se não quereis que vos castigue. Tomai o faro, e segui o rasto. Levai-me aos paços, por bom ouro eu paguei o vosso instincto.

Era o marechal que entervinha a tempo de o livrar. O ferado guante do capitão apertava desalmadamente os gorgomilos do judeu.

Deixai o ladrão no seu mister; ao cabo da torta azinhaga está a forca. Alguns homens honrados são bastantes para me guardar a sesta, sem que me affrontem os zumbidos do genio. E n'um arranco d'indomavel energia começou a caminhar sosinho.

Alem, entre as ramagens dos jardins, avultavam as cupulas rendilhadas, os obeliscos elegantes, as columnas esculpidas dos paços reaes do Samorím.

Duzentos naires defendiam o muro e o portal, e a larga escadaria ornamentada de leões de bronze, e de balaustres de serpes inroscadas. Elephantes inormes de marmore preto, sus-

tentavam como gigantes os panos da muralha, e dos chaireis lavrados erguiam-se torres recamadas de nichos e figuras, e de folhas recortadas em relevo na cantaria, como festões de curvas caprichosas.

Por entre as reixas das estreitas gelosias, e nos altos dos eirados e mirantes assomavam, a par d'uns idolos de fera caturada, os rostos tismados dos frecheiros.

A nuvem de settas começava a desabar como granizo, ora resaltando nos escudos e pavezes biscainhos; ora cravando e dando morte a muitos dos bravos invasores; falsando'as armas, rasgando feridas medonhas, com a furia insana que traziam. Os caimaes, para conciliar a indignação dos astros, com supersticiosos alaridos juravam morrer sobre as ruínas do alcaçer precioso.

O marechal e os fidalgos poseram-lhe as lanças insoffridos, e apertaram rijo, levando-os de vencida d'encontro ás columnatas do portal. Jorrava o sangue aos borbotões maculando a alvura das lages polidas, e os pedestaes do vestibulo magestoso. Aos pés d'um Buddah, sentado sobre a folha sagrada do lodão florido, indifferente na sua magestade de colosso, crescia o acervo de naires moribundos, alongando para elle os olhos, e os braços amortecidos no fervor d'uma prece derradeira.

Como impeto de maré em foz de rio impetuoso, luctando contra a corrente das aguas acrescidas; erguendo e parando as vagas em liquida muralha, fechando a barra do porto apeteccido, quebrando em cachões d'espuma o fervido marulhar das ondas tumidas, e depois vencedora a ondulação do largo se desnivela rumorejante galgando a estreita garganta dos baixios; assim a turba dos combatentes, avançando, recuando em corcovos leoninos se estorcia pelo estreito corredor do portal alabastrino, ululante, terrível, vingadora, até que baralhadas as fileiras, desbaratados os naires, cedendo o passo viraram o rosto, e á maneira de maré impetuosa, cuja corrente tudo destroe e desbarata, entrou victorioso pelos paços o esforçado esquadrão dos portuguezes.

Ali n'aquella quadra foi onde o Samorim deu audiencia a D. Vasco, quando foi do descobrimento. Rico estrado, throno e jarros d'ouro; estofos e sedas preciosas; brilhantes e ramaes

de pedraria, de tudo ali sobrava aquelle dia, alardeando a riqueza do thesouro. E o judeu apontando para uma porta chapeada aguçava a cobiça dos soldados, que cercavam o marechal.

Estavam n'um pateo grande, encravado entre muros de formosa laçaria. Sentado n'um poial de pedra, quasi sem dar accordo, prostrado pela fadiga, D. Fernando Coutinho, arquejante, parecia extranho a tudo que o cercava. Uma vontade de ferro o trouxera ali, agora o corpo rendia-se alquebrado, e o pagamento desafivelava-lhe as correias do gorjal, e do arnez, para que a viração lhe desse alentos.

Na fonte lavrada, que a um canto do pateo corria para um tanque, a que uns arbustos e palmas verdejantes davam sombra, enchia os elmos a soldadesca, e abrazada pela calma bebia a largos haustos da fresca lymphá murmurante.

Bom vinho é este, que dá vida, e se não tem a cor vermelha do que vem do reino, não é á falta de sangue, que tinja o tonel a escorrer na praça.

Era um homem d'armas, que motejava rindo, debruçado para o lago, apontando nas aguas umas manchas purpurinas.

Dezenas de mortos estirados pela galeria attestavam a lealdade dos naires, e como fora porfiada a resistencia. Vasco da Silva e outros fidalgos, que tinham entrado no recinto amuralhado, d'espada em punho tentavam conter os mareantes e besteiros, que a golpes de machado iam quebrando as portas chapeadas das magnificentes salas do solar, sem lhes dar agora da peleja, doidos de saquear e destruir.

Vede, dizia Leonel Coutinho para Gaspar da India, que olhava para elle de soslaio, receoso do guante que lhe apertara os gorgomilos. Perro maldito! Ao teu ladrar acordaram as paixões ruins d'esses villões. Máo sestro é este da gente das armadas, a quem tu judeu foste fallar em ouro e diamantes. Guardai bem na memoria o sulco d'esta cutilada que me escalavrou o rosto. Ide dizer ás regateiras de Lisboa o valor das riquezas, que eu roubei ao Samorim.

Fero sois cavalleiro, que não perdoais agravo duma falla impensada, e maj cabida. Por Adonai vos juro, os mouros voltarão á carga, e cedo tereis de disputar as vidas.

E pelas arcadas, que defrontavam com a cidade vinham de tropel os malabares accometendo. Guiava-os um caimal, e a grita era espantosa a clamar vingança contra os franques.

Os naires! os naires! balbuciava o judeu esbaforido.

São os negros nus, que nos affrontam senhor marechal de Portugal, dizia Gaspar Pereira. Tornai em vós, pela honra da terra portugueza.

A elles! A elles! E mal desperto da quebra de forças que soffrera, D. Fernando Coutinho com poucos fidalgos da sua guarda, a quem a febre do ouro não vencera, arremeteram pela galeria escosendo os naires ás lançadas.

Lá fóra, no terreiro do alcaçar, reboava o vosear do inimigo, o troar dos berços de campanha, o rufar de tambores e atabáques, o clangor das trombetas d'Albuquerque.

Pedro Affonso disparai o berço, e o condestavel que firme as pontarias.

Arredai-me assim para longe essa gentalha, que as settas não chegam até onde voam os pelouros.

Jorge Queimado, ficai vós com a gente formada em ordenança, enquanto eu vou ali aquelles paços dizer ao senhor marechal, ser já tempo de cuidar da volta, não se faça hoje aqui um máo recado. Duas vezes lhe tenho mandado pedir que se recolha, mas de merencorio e despeitado não attende. Agora vou eu a persuadil-o; e d'alguma cousa devem valer estas barbas brancas, e passados serviços d'outras guerras, para não julgar que tenho medo.

E o grande capitão, acompanhado de poucos dos seus homens subio pausadamente a larga escadaria. No alto do patim, com as armas retintas no sangue das feridas que rasgaram, D. Fernando e os fidalgos do seu bando olhavam sobranceiros para os naires, que tinham repellido, e que não ousavam de chegar receosos dos tiros da certa artilharia.

Senhor Affonso d'Albuquerque avaliái pelo que vedes, o que fez a gente nova, e como ganhou esporas d'ouro ceifando larga messe d'inimigos,

Callai-vos mancebos. Bravos sois, mas não sabeis calcular os perigos. E vós senhor marechal ouvide o que vo sdigo, em nome d'El-Rei D. Manuel de Portugal. Recolhei-vos já, que não é tempo de esperar um só momento.

Escutai a grita dos naires, que se convocam para a morte. Vede como a multidão vae engrossando, e como a nuvem de setas quer escurecer o dia. Desmandados andam os vossos

homens roubando a cidade, e assim dispersos mal sabeis o damno que padecem, porque troco de mortas pagam o ouro que rebuscam.

A minha ala está firme apesar das setas que tem cravado a gente, mas não será bastante para suster a fuga, quando vir os companheiros derrotados.

Recolhei-vos já, é El-Rei de Portugal que vos ordena. D'aqui ás naus é mui distante. e se tardais uma só hora, é certa a perda da India, e é mister que morramos todos. Que Deus vos illumine, e a razão vencerá o perconceito.

Tocai a recolher, ordenou a custo e com vóz cava o marchal aos trombeteiros, e ao vibrar das notas desabridas, grossas lagrimas desciam-lhe pelas faces desmaiadas de magua e de despeito.

Caro me pagareis a retirada a que me obrigaes salteadores. Sem o crime d'uns rebeldes e vilões facil seria terminar o feito. Pelo meirinho vos imporei minha justiça. A' fé que me pesa desfazer caminho, quasi ao attingir a méta desejada.

Quando Calicut accendia os cirios do funebre sahimento, que devia attestar sua ruina, foge-me a victoria, como sonho de gloria, que se esvaeceu na morte; visão incantadora em alma ardente de guerreiro derribado aos primeiros tiros da batalha.

Vinham sahindo para o terreiro a unir ao estandarte, que tremulava erguido a meia praça.

Carregados de despojos da preza valiosa muitos tinham abandonado as armas, e de máo grado obedeciam ao signal de chamamento. Nas cruzilhadas das viellas alguns abriram caminho ás cutiladas, e uns retardatarios acorriam perseguidos pelos naires, que cortavam n'elles sem piedade.

Da rua principal, em enorme torvelinho onde se cruzavam armas, desembocava um magote de lascarins e matalotes arrastando um idolo dourado, que aos saltos pelas pedras ia quebrando os muitos braços e ornatos; amolgando colares, brincos e pulseiras, e o diadema, que lhe adornava a fronte elephantina.

Uns besteiros, a que o vinho de palma ensandecera, dançavam em volta d'elle, cambaleando de mãos dadas; enquanto um grumete, vestido d'uma cabaia rica, tripudeava sobre ar-

cabouco de monstro derribado, contorcendo-se em esgares de chocarreiro.

Indignava tanta miseria e vilipendio a que descera aquejla gente aventureira, e os fidalgos ás prachadas castigavam-lhe a ousadia, obrigando-a a recolher-se ao abrigo das lanças fieis, que apesar do máo passo em que se viam, não tinham ainda assim perdido accordo. Percebiam, que para esconjurar aquelle perigo, a melhor maneira de sahirem a salvo era conservarem-se impavidos e unidos, obedientes á voz do general.

A mó de gente avolumava enchendo a praça, e a hoste do governador defrontando-se com os naires, permittia ordenar a formatura do confuso torpel da soldadesca.

Como quereis senhor marechal, que isto seja, pois esta gente ha mister de quem a governa, e encaminhe? Os naires são muitos, e não tardam a acometter se nos veem hesitantes.

Tomai vós a dianteira senhor Afonso d'Albuquerque. Eu ficarei detraz com a minha gente, já que vos parece necessaria a retirada. Eu susterei estes cães, que vos não mordam. Gaspar da India insinai o melhor caminho que nos leva á praia. Já não hei mister do vosso faro para levantar a caça, que vae perseguir o caçador.

Christão, volveu o judeu, suguro te guiei aos paços que pediste. Quem te ensinou a ser ingrato quando a roda da fortuna desandou?

Perdoai-lhe amigo. Fiel servidor sois de El-Rei. E' Affonso d'Albuquerque quem vos pede, e se fia da vossa lealdade.

Podeis romper a marcha senhor capitão geral da India, por El-Rei D. Manuel nosso Senhor, que levais um guia bem seguro.

E vós cavaleiros, lançai-me fogo ao alcançar do Samorim. Quero o clarão do incendio afoqueando os ares, como cartel de desafio a fustigar-lhe o rosto; sinistro padrão d'esta jornada lhe deixarei n'essas ruinas, para lhe avivar na memoria de como D. Fernando Coutinho o despreza e insulta, sem temor do seu torpe poderio.

E o bulcão de fumo enovelando-se; o estalar dos madeiros olorosos; o calcinar das pedras; o rude crepitar das chamas ateadas, breve rompeu pelos portaes e gelosias; e a turba dos naires atirou-se para a frente fascinada, procurando atalhar incendio, e vingar-se das affrontas perseguindo furiosamente os franques atrevidos.

Sabei Gaspar Pereira, ora aprendi serem estes negros nus ferozes como tigres, a quem roubaram as crias do covil.

Poucas lanças ainda nos amparam, amedrontada a chusma esturje o passo, e não ha estinulos de honra, para que volte o rosto ao inimigo.

Parai na fuga malfadados, vinde ver como morre um marechal, e a flor da fidalguia portugueza.

E cançado do peso da batalha, perdido o murrião, falsado o arnez e a loriga, n'um heroico esforço derradeiro o marechal brandia ás mãos ambas o montante, abrindo larga clareira nos indios, que o cercavam.

Amparava-o dos golpes o pagem da lança esgrimindo com mestria, e grupados em volta do guião alguns soldados escolhidos combatiam como leões defendendo as vidas, e por vezes arredando de si os atacantes.

Mas os archeiros continuavam a salvo a sua obra d'exterminio. Primeiro D. Fernando Coutinho cahiu varado pelas settas, uma das quaes se cravara na garganta, sem embargo do ferro do gorjal. Abrio os braços, cahio para o lado amortecido, e o montante rolou em terra a par do seu Senhor. Quebrara-se-lhe a lamina damasquina abrindo d'alto a baixo o peito d'um caimal gentio, e assim findara o seu ceifar terrivel n'aquella estupenda cutilada. Vasco da Silveira, e mais dez ou doze soldados conhecidos agonisavam cravados pelos zargunchos d'arremesso, e pelas agudas settas de peçonha.

Como cedros altivos da montanha a quem o machado do matteiro derribou, e com o debastar da frondosa romaria abrio larga clareira na floresta, por onde a rajada entrando impetuosa facilmente recurva o arvoredado mais franzino, que á sombra d'elles s'amparava; assim ao descançar na morte o marechal e os seus extrenuos companheiros, os poucos que pelejavam recuavam esmorecidos, e a tempestade dos naires recrescendo temerosa levou-os de vencida em desbarato lastimoso.

E a gentalha, que saqueara Calicut, os peões e villanagem tão audazes na investida, com esperança na presa cubiçosa; agora, tomados de subito pavor, fugiam apressados, perseguidos pelos naires a quem a fortuna da guerra acrescera a bisarria, e acceitando a lucta braço a braço, brandiam os alfanges e os dardos d'arremesso, em quanto outros dos eirados das ca-

sas, e de cima dos muros dos jardins onde acorriam insultavam os fugitivos, atirando-lhes nuvens de settas e pedradas.

E a bandeira real não tremulava impavida no meio de ludios esquadrões. Rasgada, tinta de sangue ia sendo levada na revolta, colhida na haste, inclinada ao hombro do alferes, e defendida apenas por algumas lanças, que debalde tentavam suster a carreira d'aquella multidão allucinada. O panico era immenso, a grita horrenda, e a perda muito maior no debandar, que na peleja. A hoste de D. Fernando desbaratada e fugitiva, fora vencida mais pelo terror, que pelas armas.

A este tempo já Affonso de Albuquerque era entrado nos vallos, e palmares. A' frente o judeu indicava o trilho, e seguindo e guião de damasco branco, soldados e mareantes iam a mais andar buscando a praia. Por ambos os lados do caminho acudia a turba-multa dos malabares, e de cima das sebes de canas aceradas tratava muito mal a nossa gente. O sol abraçava, e agora na ladeira, que descia para a costa, apesar do mar estar distante, sentia-se o bafejo da viração do largo a suavisar a calma.

Andai depressa, não vos traveis com eles. Fora dos vallos já não ouzam de seguir-nos, dizia Gaspar da India, e apesar de velho dava mostras, pelo accelerar da marcha, de só a bordo das naus estar seguro.

Ficavam para traz as ruinas da mesquita, e os troncos cortados do palmar atravessados nos valleiros, impediam a rapidez da retirada. Obrigada a passar n'uma encruzilhada onde a garganta era profunda, e o chão apaulado; e por ser ali o logar para o ataque dos negros mais propicio, a columna foi rudemente acometida, e muitos foram feridos pelas settas sem poderem retribuir os golpes, que do alto dos muros lhes vibravam.

E a retirada ia quasi a transformar-se em fuga, quando chegou a Affonso d'Albuquerque a nova de que o marechal e os fidalgos combatiam.

Ter! Ter! Ninguem dirá, que vio Albuquerque e os seus bons cavaleiros retirar, quando alguem ainda no campo combatia. Fazei volta, e agora aqui se verá o valor dos portuguezes.

E seguido de de poucos voltou a encontrar o inimigo. Mais

de seiscentos homens d'armas da sua guarda continuaram na carreira, arrastados pelo exemplo dos que fugiam.

Damninha planta é o pavor, capaz de se arreigar até no peito mais ousado, sem haver razão, que a sangue frio, possa explicar a causa, nem tão pouco argumento para desculpar vergonha.

Eh mano! Agora veremos quem tem a espada ou a lingoa mais comprida.

Era João Affonso, que assim increpava Antonio Fernandes, e o soldado e o marinheiro deram volta a unir aos nobres cavaleiros do heroico Affonso de Albuquerque.

Abri aos lados, e deixai passar os malfadados, que não carecemos d'elles para parar nas lanças a açulada matilha d'esses perros.

Arrimados aos vallos, cosendo-se com as trincheiras elevadas, os poucos valentes da phalange que voltava, puderam não serem levados de roldão na torrente de soldados, que pela estreita garganta s'ingolphava.

As poucas lanças, que rodeavam a bandeira real, e que na debandada muito a custo salvaguardavam aquelle symbolo confiado ao seu valor, agora refugiavam-se junto dos soldados d'Albuquerque, e todos unidos n'um só corpo, inristando as compridas lanças, cravados os coutos de ferro no terreno, e fazendo finca-pé para aguentar o choque da investida; cerraram fileiras para fechar o estreito portal, e á maneira de dique estacado á margem de rio caudaloso, para salvar os campos da furia da innundação, que vem subindo; assim a impavida phalange, contra a qual os naires esbarraram assombrados, conseguia por momentos suste a onda infrene, que rugia.

Mas da crista das trincheiras a nuvem de pedras e frechas sibilava, e a turba, que hesitara ao topar em cheio com os guerreiros, era agora empurrada para a frente pelos que lhe vinham dando costas; e como ariete batendo os muros d'um castello, começava a abalar a firmeza d'aquella muralha de gigantes.

Nunca se ferira lucta mais terrivel, e d'um e d'outro bando nenhum cuidava de parar os golpes, tal era a ancia de vencer. Faziam-se prodigios de heroismo, bellicosas gentilezas, e só a morte obrigava a perder o posto, a quem com tanta honra o defendia.

A furia da guerra redobrava, e as settas iam rareando os defensores d'aquelle passo perigoso. O centro da linha recurvou-se sob o impulso ingente, e os naires percebendo que cedia, n'um arranco implacavel quebraram as lanças, vergaram a fileira, e percipitaram-se arquejantes pela portella espedaçada n'um louco deslumbramento de victoria.

Affonso d'Albuquerque cahira. Um dardo d'arremesso rasgando a cota de malha, que servia d'espaldeira, cravou-se-lhe no hombro esquerdo fundamente, falsando as chapas brunidas do laudel. Quiz apoiar-se a Jorge Queimado, que ao lado d'elle combatia, e erguendo os olhos para a cruz do guião de damasco branco, que na haste da lança tremulava, sentio faltarem-lhe as forças, cerrou os olhos, ao mesmo tempo que de cima do valado lhe despedaçavam a espadua, secundando o golpe de zarguncho.

Diogo de Beja, firme como um colosso a quem servisse de pedestal um montão de cadaveres, espadeirava rijamente os inimigos.

Aqui portuguezes, clamava o brioso fidalgo, affastando ás cutiladas os naires orgulhosos do glorioso tropheu que disputavam. Aqui portuguezes! Salvai Affonso d'Albuquerque. Erguei bem alto a sua bandeira destemida, ou morramos todos defendendo a sacrosanta cruz de Christo, e a honra da terra portugueza.

E aos golpes do possante machado d'abordagem Antonio Fernandes, o gageiro da nau *Flor de la Rosa*, João Affonso e outros valentes camaradas faziam muro contra o qual se debatia a mó dos terriveis malabares.

N'um recalmão d'aquella tempestade, Antonio Fernandes dizia para o soldado:

Vede João Affonso como os negros já conhecem as armas que trazemos, que apesar de longas e afiadas ainda nos ficam fóra do alcance. Boa messe temos ceifado companheiro. Agora juntos seremos nós quem ganharemos honra salvando o senhor Affonso d'Albuquerque.

A elles mano, que alem do vosso bom machado chegar longe, por vencido me dou, que tendes a loquella mais comprida, e o juiso mais agudo.

E os dois abrindo caminho por entre os naires, como aiveca

de charrua em leiva removida, abeiraram-se de Diogo de Beja, que continuava espadeirando.

Eh companheiros, olhai este fidalgo, que por si só avonda para nos cobrir a retirada. E tomando um pavez biscainho, que para ali jazia abandonado na refrega, deitaram n'elle Affonso d'Albuquerque, e os dois, o marinheiro e o soldado, levando-o aos hombros intestaram no caminho para a praia.

Aos lados do pavez a bandeira real, e o guião de damasco branco batiam arvorados, cobrindo com a sua sombra abençoada o heroico campeão desfallecido. Cercavam-o os soldados enristando as lanças e alabardas, e perto os naires animavam-se para atacar de novo aquelles celebrados paladinos.

Ide e salvai Affonso d'Albuquerque. Dizei-lhe, que Diogo de Beja aqui ficou esperando occasião de por elle dar a vida. Marchai azinha, que a refrega não tarda a refrescar.

Eh fidalgo! Deixai-vos de denodamentos, bradou Antonio Fernandes. Assaz tendes hoje feito em pró de vossa honra e lealdade. Sereis vós quem nos governe a porto e salvamento, ou então com este heroe, que levamos, aqui acabaremos todos juntos. Vinde e que S. Telmó nos guie ao cabo da jornada.

Por Deus, que serei comvosco. Honrado sois marinheiro, que porfiais com fidalgos, e lhes dais lições de galhardia.

Da sebe dos vallados esmoreciam os gritos e frechadas, e os naires pareciam talvez maravilhados, ao verem tão esmerada valentia. O fim dos vallos era perto, desembocava no areal a columna fugitiva, e o esquadrão, que se mantinha em ordenança sentia o quebrar das ondas nos fraguados, relembrando-lhe as notas d'um canto conhecido, e as trombetas do esquadrão de D. Antonio de Noronha e de Rabelo postado d'atalaya, echoavam como um hymno d'esperança e de socorro, repetindo febrilmente o signal de reunir.

O judeu mais uma vez fallara verdade. Fora dos vallos já os naires não ousaram levar avante o seguimento. Iam tão fóra de si os fugitivos, que chegados á praia se mettiam pela arrebenção a embarcar nos bateis. Largavam as armas para nadar ligeiros, e ali se representaram todas as miserias, a que pode levar o susto, e a covardia.

Tende-vos gente louca, que não sabeis de que fugis.

Ao ouvir a voz de D. Antonio de Noronha, Albuquerque reanimou-se, e firmando o cotovello no escudo ergueu o vulto,

e murmurou. Bemdito sejas sobrinho. Abençoada a mãe que te creou. D'estas rubras flores de sangue, que desabrocham nos campos de batalha, e de que trago recamado o meu laudel, bem podera tecer-te uma coroa de gloria.

Bemdito sejas companheiro n'estas lides afanosas, D. Antonio de Noronha, e vós Rodrigo Rabelo sabej, que sem vós, hoje a honra de Portugal aqui se perderia.

E' noite, á calma do dia succedeu o terreno bonançoso e perfumado. O luar espelha-se pelas aguas socegadas, e na praia em phosphorecentes escarceus continuam as ondas rebramando. A bordo dos navios vae uma faina monstruosa. Cruza-se entre a praia e a armada a flotilha de bateis trazendo os feridos, e os soldados que recolhem do combate.

Similhante ás tochas de funebre sahimento, a iluminar aquella scena refulge o clarão do incendio da cidade, dos palmares, o esbrazear dos catures e patamarins no varadouro. Mais de cem soldados portuguezes faltam ao alardo, e as cabeças de muitos d'elles, arvoradas em piques nas encruzilhadas das viellas, ficaram na cidade como tropheu de guerra doloroso.

Cravado de settas de peçonha é immenso o numero de feridos e estropeados, e os physicos e os bramanes de Cochim deitam-lhes azeite quente sobre as chagas, como remedio infalivel de sarar. De bordo dos paráos, que protegem o embarque, estrondeam os berços e falções varrendo o logar do bairro dos mucuas, as tranqueiras do Cerame, para os indios não ouzarem d'aparecer.

Albuquerque fora levado para a caravella de Antonio Pacheco, porque com as grandes dores de que padecia não podia subir á sua nau. Acompanhado do sobrinho, e de Gaspar da India, que lhe apertava as feridas, no estreito camarim do chapiteu, sem um gemido ia supportando o enfadonho tratamento. Na tolda, junto ao mastro e cabrestante, os capitães aguardavam o resultado da consulta.

Breve sarará, e da boa nova me dareis alviçaras, dizia o judeu apparecendo. Como hebreu um pouco li da sciencia de Avincena, tão pouco, que de nada vale ao pé da de mestre José e mestre Rodrigo, que foram physicos e cirurgiões de Sua Alteza.

Aziago dia ficará este por memoria. As intrigas da corte, as lisonjas mataram o marechal a quem o amor proprio invaidecia, e como terrivel consequencia de tanta desventura ahi está Albuquerque espedaçado, tanto fidalgo morto, tanta miseria desvalida. Isto dizia Antonio Pacheco, o rude capitão da caravella, e a furto uma lagrima deslisava pelo rosto. Bons tempos eram os dos descobrimentos em que se vencía o mar em lucta gloriosa. Agora as naus e galeões fazem estremecer as ondas, gravando com os pelouros a epopêa fascinante das conquistas.

A gloria não é mais do que um sonho vão, só a de Deus e a sua misericordia verdadeiras.

Era o freire d'Aviz, confessor d'Affonso d'Albuquerque, que subia ao perpão, e solemnemente respondia as palavras saudosas de Pacheco.

Quando a nova chegou ao Samorim da entrada de D. Fernando Coutinho na cidade, do incendio dos seus paços e Cerame, e da morte de mais de trez mil dos seus vassallos, grande foi a sua surpresa e desespero.

Por conselho do rei de Cochim revoltára-se contra o Samorim um dos senhores do seu estado, e para lhe debelar a rebeldia assentára o arrayal nos mattagaes da serra, levando quasi todo o seu poder aquella empreza, deixando sem defensão a ribeira do mar, e a sua opulenta Calicut.

Por espias soubera o marechal estas noticias, e julgando propicia a occasião para destruil-a, resolvera a entrada cujo successo fora favorecido pela fortuna. De noite, e em silencio, mandou levantar o arrayal, e logo de madrugada, quando os sitiados se viram libertos do assedio, vieram picar-lhe a retirada, e talar a ferro e fogo toda a terra por onde ia.

Quando chegou e vio as ruinas do seu paço, em supresticiosos alaridos esconjurou os astros, aplacou as iras dos idolos de tromba elephantina, prostrou-se lacrimoso aos pés do Budah gigantesco, o qual immovel no seu nicho d'alabastro, sentado sobre a folha do lodão florido, e retinto do sangue dos seus naires valorosos, que sobre elle espadanára, parecia mais solemne e justiceiro a lançar-lhe em rosto as affrontas recebidas.

Extrangeiros em sua terra eram os mouros mercadores, e por isso tão debilmente se tinham opposto ao desembarque, e combatido nas tranqueiras do Cerame.

E nos impetos vehementes da paixão ameaçava destruil-os, e temeroso fitando as cabeças dos christãos arvoradas em piques sobre os muros do alçaçar, rasgava o peito com as unhas, e rastejando recurvado, como o tigre real quando nos juncaes espregia a presa, preparando-se para se arremessar de salto, e cevar em sangue todo o odio que o devora; assim o Samorim rugia insultando os mouros, os bramanes, e os caimais, que rojando-se por terra amedrontados, não se atreviam a suportar o rancoroso olhar de seu senhor.

Ralé d'Alcorão! Raça impura d'escravos envergonhai-vos e temeime. Só os franques são dignos de ter barbas no rosto, vós podeis cortal-as, e seguir o estylo das mulheres.

.....

São passados cinco anos. Estamos em Ormuz nos primeiros dias d'abril de 1515.

Albuquerque glorificara o seu nome, enchendo d'as ombro o Oriente. Senhor de Gôa, d'Ormuz e de Malaca, fundava o grande imperio portuguez em alem-mar, e com um punhado de valentes conquistára mais reinos, ganhára para Portugal maior copia de vassallos, do que nas armadas trazia de soldados.

A fortaleza d'Ormuz fora entregue aos portuguezes, e nos muros tremula o pendão das quinas, temido e respeitado pelos mouros.

Muito grande e poderoso senhor. Da parte de Torum-Scha eu venho a ti, e que o teu olhar clemente se digne baixar ao verme da terra, e ouvir-lhe a voz humilde e respeitosa.

Ora sabej, que oito homens da vossa armada foram n'um batel fugidos, e passaram á terra firme, erguendo mão armada contra um capitão real, e por serem portuguezes os não deixou matar, nem em ferros os guardou na fortaleza, pois a jurisdicção dos christãos só a vós cabe, e Torum, como filho obediente, vos manda avisar do succedido.

Isto dizia para Affonso d'Albuquerque um mensageiro do rei, curvado reverente, com as mãos cruzadas sobre o peito, e os olhos fitos no chão, sem ousar erguel-os para elle.

Sentado n'uma cadeira d'espaldar, na sala da torre de menagem, ainda ornamentada com os panos d'Arraz e laçarias,

que lhe vestiram as paredes mal enxutas por occasião da visita do monarcha, o grande capitão ia ouvindo o recado, que o lingoa Alexandre d'Athayde, e o judeu Gaspar da India iam pausadamente traduzindo.

Arrenego da vida em que vivo, que nem em meio de tanto jubilo pelo serviço em pró de Sua Alteza, como é este, que por elle agora comprehendemos, eu possa um só momento repousar d'este duro officio de reger e de punir. Arrenego da vida em que vivo, que nem deixais umas horas de paz ao leão do mar, que vae envelhecendo. Mas ai de vós malfadados, que lhe vindes despertar a sanha.

Bem dizieis vós em Calicut, mestre Gaspar das Indias: mau sestro é este da gente das armadas, que por uns punhados d'ouro se esquecem do que devem a si, e ao seu rei. Mas, por Deus, o mal será cortado pela raiz. Não quero o escalracho a medrar ao pé da seara verdejante, porque se chega a alastrar-se pela veiga mal irá ao trigo da colheita.

E n'um arranco de colera ergueu-se rapido da cadeira d'espaldar, mas ao ver o persa, que ajoelhara humilde sobre o tapete do estrado, conteve-se, e por uma transição, que só a sua heroica vontade conseguia, domou-se, e disse em voz tranquillã, tirando o barrete de veludo como se fallasse á magestade.

Alexandre d'Athayde, vós que entendeis a algaravia d'este mouro, dizei lá a este honrado mensageiro.

Ide a vosso rei, e dizei-lhe: que Affonso d'Albuquerque aqui é vindo só para o servir, e suster em seu estado; que por muita mercê lhe pede mande buscar os desertores, e mortos ou vivos lh'os entregue, e a barca em que fugiram.

O persa sahio, Albuquerque voltou-se para Jeronymo de Sousa, e Nicolau Ferreira capitães da sua frota, que assomavam á porta da quadra, e que tinham assistido ao final da scena admirados.

Na vossa galé ireis buscal-os, e trazel-os logo que receberdes ordem minha. Equife da morte foi esse em que embarcaram; negra barca que vae sulcando o mar em demanda do eternal repouso.

O sino da fortaleza de N. S. da Conceição d'Ormuz dobra a finados. Na praça, junto ao pelourinho, avulta enorme pilha de madeira secca e rezinosa, e sobre ella ve-se a barca, e amar-

rados aos bancos os seus miseros tripolantes. Em volta um quadrado de gente de guerra em ordenança contem a multidão, que presta ouvido ao arauto, que vem apregoando a sentença temerosa.

Ouvide, gentes ouvide. Sentença que em nome d'El-Rei D. Manuel de Portugal manda cumprir Affonso d'Albuquerque seu logar-tenente, e governador geral da India. Processado o feito, manda que sejam queimados na barquinha em que fugiram estes homens, que desertaram para o Xeque-Ismael, e foram apanhados na cafila, que seguia para a Persia, a mais de quatorze legoas no sertão.

Está ali o ouvidor geral, o meirinho, todo o solemne e pavoroso cortejo da Justiça. Um frade levanta para o ceu a cruz absolvendo os penitentes. O algoz empunha o facho esperando o signal do suplicio.

Senhor Deus misericordia! clama a turba lacrimosa cahindo de joelhos, e um fremito d'horror percorre as fileiras dos soldados, que tantas vezes tem affrontado a morte na incrível epôea das conquistas.

De subito, quebrando o gelido silencio, que assombrava a multidão na praça, ouvio-se um brado energico, que vinha da barca dos captivos. Um homem amarrado ao mastro dizia claramente.

Parai senhores da Justiça, que em ultima estancia defenderei meu pleito, e o d'este companheiro d'infortunio. Ide dizer ao senhor Affonso d'Albuquerque, que Antonio Fernandes e João Affonso appellam par elle, que lhes perdôe as vidas. Que tente erguer o braço esquerdo, e elle se recordará de Calicut; e, justiça de Deus, ella por ella, elle agora que nos salve as nossas.

Misericordia Senhor! Misericordia! clamava aterrada a turba multa.

Quando buscaram Affonso d'Albuquerque, e lhe contaram o succedido, o peito arfou-lhe febrilmente, rompeo n'um soluçar convulso, e a longa barba alvinitente foi orvalhada por lagrimas piedosas.

Arrenego da vida que vivo, que nem perdoar pode livremente quem commanda, porque a justiça é de Deus, que me deu a faculdade de julgar, e eu sou o vil instrumento que executa. Mas a memoria de peregrino beneficio tambem pode im-

plorar misericordia. Salvou-me o Senhor em transe perigoso, para agora, sem olvidar a falta, attenuar o castigo do culpado. Antonio Fernandes e João Affonso, marinheiro e soldado, que com risco da propria vida salvastes o vosso general tendes a vida salva. Ella por ella, está paga a divida de honra, que invocastes.

Mas não pode livrar-vos da pena do vosso crime lastimoso, só o piedoso poder do meu desejo. Eu sou Affonso de Albuquerque, o Justiceiro! Em degredo perpetuo para as galés eu só posso comutar a vossa pena. E aos outros justiça seja feita sem demora.

D'ahi a pouco a fogueira crepitava, rubra, sinistra, pavorosa, subvertendo em mar de fogo a funerea barquinha aventureira.

E com o coro de Senhor Deus misericordia, casava-se o dobre a finados tangido no sino da fortaleza; e na sala da torre de menagem, encostado ao peitoril da janela, que deitava para o mar, Albuquerque dizia commovido para o seu secretario, que chegava.

Triste vida senhor Pero d'Alpoem. Para salvar a honra portugueza tenho d'entregar ao carrasco alguns d'estes homens, que nos tem ajudado a conquistar o mundo.

É a razão d'estado quem vence o sentimento.

Algum dia a Patria me fará justiça, e não chamará cruel a Affonso d'Albuquerque.

Arrengo d'esta vida senhor Pero d'Alpoem. Misero velho, que por um sonho deslumbrante de gloria andas revolvendo o Oriente, volta-te para Deus, é tempo de descançar na cova.

.....
E d'esta breve sentença, diz o chronista, foi d'ali por diante mais temido.

J. B. D'OLIVEIRA

Official d'armada.

Obras oferecidas

1 **Pages d'histoire — 1914-1915.** — Publications de la Librairie Militaire Berger-Levrault. Paris. 1915.

Sob esta rubrica, e em continuação a 38 opusculos anteriores, dos quais démos noticia detalhada em numeros anteriores deste jornal, foram ultimamente publicados mais os seguintes :

39. **Le Front.** *Atlas dépliant de 32 cartes en six couleurs. Preface du Général Cherfils.* — No dizer do prefaciador, este atlas representa, em miniatura, o cinema das frentes sucessivas, que nos teatros da guerra occidental e oriental têm ocupado os exercitos beligerantes. Uma folha, que se dobra dezeseis vezes, apresenta em cada uma destas partes, que constituem como que paginas, a situação das frentes de batalha nos momentos mais interessantes da guerra, decorridos de 10 de agosto a 30 de dezembro de 1914. Estendida a folha, observam-se no seu anverso 16 cartas pequenas, que apresentam a serie de variações experimentadas na primeira parte da campanha no teatro da guerra occidental. Examinando o reverso, encontra-se a mesma representação, mas referida ao teatro oriental. Em ambos os casos a deferenciação pelas côres dá a designação dos terrenos ocupados por cada grupo de nações beligerantes.

Pelo que brevemente fica exposto ter-se-á uma indicação, quanto possível clara, deste notavel opusculo, cuja enorme extracção demonstra o favor com que foi acolhido pelo publico.

40. **Paroles Allemandes** — *Préface de M. L'Abbé E. Wetterlé, ancien député de Ribeauvillé (Haute-Rhin) au Reichstag.* — Neste opusculo, por todos os titulos verdadeiramente interessante, são reunidos grande numero de trechos extraídos de obras, jornais, discursos e outros documentos, devidos aos mais notaveis homens poiticos e publicistas alemães, alusivos á guerra actual e suas causas, mas desacompanhados de quaisquer anotações ou referencias. Assim, o volume abre por citações de discursos dos soberanos, predecessores do Imperador Guilherme, que garantiam a neutralidade da Belgica e do Luxemburgo, seguindo-se-lhes as declarações feitas pelos chanceleres imperiais, filosofos, professores, escritores militares, etc., que revelam o espirito dominante no Imperio com respeito á politica geral adoptada, quer antes, quer depois da guerra. E' um trabalho digno de ser meditado, porque

põe o leitor ao claro ácerca das tão controvertidas tendencias dominadoras ou absorventes, que têm sido atribuidas ao povo alemão.

41. **Les Poètes de la Guerre** — *Recueil de poésies parues depuis de 1.^{er} aout 1914. Préface en vers de Hugues Delorme.* — Figuram neste opusculo poesias patrioticas dos mais notaveis literatos franceses contemporaneos. Mais de quarenta contribuíram com as proprias produções para a sua organização, em que se encontram representadas as varias escolas. O prefaciador descreve o facto pelo modo que textualmente vamos reproduzir :

Vers d'espoir, de deuil, de révolte,
Toujours sincères et touchants,
Nous en avons fait la récolte
Glanant parmi de vastes champs.
C'est l'âme du pays qui vibre,
Forte quand même, et toujours libre,
Même en les plus humbles essais,
La terre entre toutes choisie
Pour l'éternelle Poésie
Étant notre vieux sol français ! . . .

Não saberíamos dizer melhor. Devem ler este opusculo todos que amam a arte poetica, da qual a França tem distintissimos cultores.

Os diferentes opusculos, que constituem as *Pages d'histoire*, têm merecido uma aceitação extraordinaria, quer do publico francês, quer do estrangeiro. De alguns deles estão publicadas dez e mais edições, cada uma das quais se compõe de milhares de exemplares. Para isso contribue não sómente o valor do texto, mas o preço diminuto de cada opusculo, que não excede a 90 centimos.

2 **Conseils pratiques aux cadres de cavalerie (Guerre de 1914.** Résumé des procédés nouveaux imposés par la guerre actuelle, d'après l'expérience de cinq mois de campagne, par le capitaine de Sézille. Paris, Henri Charles-Lavauzelle, editeur militaire. 1915. 1 opusc. (0^m,19×0^m,12) de 41 pag. Prix : 1,50 fr.

Neste curioso trabalho procura o seu autor resumir as lições principais, que para a arma de cavalaria resultam da experiencia dos cinco primeiros meses da guerra actual. O merito desta publicação revela-se pelo facto de haver provocado a atenção dos profissionais estrangeiros, como se mostra do artigo da *Rivista di Cavalleria*, do qual no numero anterior do nosso jornal apresentámos uma tradução. Da propria critica, com que é acompanhada cada uma das asserções contidas no opusculo, se revela a consideração dada ao conjunto do trabalho.

Aos nossos profissionais recomendamos, tambem, a leitura do trabalho do capitão de Sézille.

3 **La guerre de 1914. L'Action de l'Armée Belge pour la défense du pays et le respect de la neutralité** — *Rapport du commandement de l'armée (Période du 31 Juillet au 31 Décembre 1914.* Paris. Librairie Chapelot, 1915. 1 vol. (0^m,22×0^m,18), relié toile, avec 11 croquis. Prix: 1 fr.

Se não estamos em erro, o volume, cuja publicação anunciamos, constitue o primeiro documento de natureza official relativo ao conjunto de operações executadas por qualquer dos exercitos beligerantes, durante a guerra actual. Por tal motivo não pôde deixar de merecer a atenção dos militares, especialmente dos das nações pequenas, como a nossa, que nele muito terão que aprender.

A sua importância cresce por emanar directamente do alto comando do exercito belga, e por não encobrir a razão de ser das varias operações executadas desde o inicio da guerra.

A primeira providencia de ordem militar tomada pela Belgica, seguidamente ao conflicto diplomatico, que dividiu a Europa em julho de 1914, foi a de colocar o exercito em pé de paz reforçado, equivalente á convocação de três classes da milicia. Esta decisão constituía uma simples medida de precaução.

Em razão da neutralidade, que pelos tratados vigentes era obrigada a sustentar, essa decisão representava uma simples medida de precaução contra quaisquer eventualidades possíveis de violação do territorio, porquanto, em tempo de paz ordinaria, aquele exercito apenas era constituído por uma classe da milicia, o que representava bem fragil força em um momento de grande tenção politica internacional.

O territorio belga, pela sua limitada extensão, pode ser considerado como que uma simples zona fronteiriça, e os corpos de cobertura, que as Potencias visinhas haviam aglomerado nessa fronteira, representavam um efectivo de paz bem mais elevado do que aquele de que dispunha a Belgica. Ainda com a chamada das três classes, as divisões belgas apenas apresentavam equivalentes analogos aos desse efectivo.

Em frente de forças muito superiores inimigas o plano belga consistia em subtrair a maior parte possível do territorio nacional á acção do invasor, colocando o exercito nacional ao abrigo de linhas defensivas tais, que a resistencia nelas se podesse efectivar em condições favoraveis, de concerto com as forças das nações garantes da aludida neutralidade, evitando, comtudo, expôr as proprias tropas, salvaguarda da nação, a uma perda inevitavel, se a ligação dessas forças não estivesse realisada no momento da invasão das massas inimigas.

Consequentemente, quando a ligação com uma brigada francesa, logo reforçada por uma divisão, se efectuou no Yser, o exercito belga, que então era constituído pelo efectivo de 82.000 homens, quebrou os impetos violentos de um exercito de 150.000 homens sobre uma frente de que procurou assegurar a inviolabilidade.

O relatorio do alto comando belga procura demonstrar que, procedendo dessa fórmula, o plano de operações executado correspondeu restritamente ao compromisso tomado pela Belgica, em 4 de agosto, para com

as Potencias garantas, «organizando com o auxilio das forças destas uma acção concertada e comum, tendente a garantir a independencia e a integridade do pais.»

Para comprovar o facto, entre outros casos citados no relatorio, um dos mais caracteristicos é o seguinte: até ao momento em que, na noite de 3 para 4 de agosto, mais de 24 horas depois de entregue a Nota cominatoria da Alemanha, a Belgica teve quasi que a certeza de irem ser invadidas as suas fronteiras, o exercito belga continuou espalhado por todo o territorio, segundo as exigencias militares aconselhadas pela neutralidade do pais, isto é, das quatro divisões, que constituíam a vanguarda, uma só visava a Alemanha.

Não podemos acompanhar o relatorio na evolução sempre interessante das considerações expostas, a que uma serie de nitidos *croquis* corre para dar maior relevo, mas não devemos terminar sem transcrever a conclusão a que chega o alto comando, que é a seguinte: «Qualquer que seja o aspecto porque se considerem as operações efectuadas pelo exercito belga, deve poder afirmar-se que, a Belgica cumpriu escrupulosamente as obrigações que a sua neutralidade lhe impunha, desde o momento em que esta foi despresada, procurando salvaguardar por tal modo a fé dos tratados.»

O fim da publicação de tal relatorio parece ter sido este mesmo. Viu-se mais ao efeito diplomatico, do que ao de esclarecer o desenvolvimento da acção militar. Mas este mesmo procedimento é digno de aplauso. As nações, como os homens, honram-se com uma exemplar vida moral.

Não obstante, os militares encontrarão nas paginas dessa publicação muita lição que lhes pode aproveitar.

4 Relatorio da Direcção do Asilo de Cegos de Nossa Senhora da Saude, instituido por D. Maria Balbina dos Reis Pinto, sob a administração da Irmandade de Nossa Senhora da Saude e S. Sebastião. Lisboa, 1915. 1 opusc. (0^m,22×0^m,15) de 15 pag.

Embora se trate de um instituto civil, como sucede ser dirigido e administrado por dignissimos officiais, não podemos deixar de anunciar a publicação deste interessante documento, que mais uma vez demonstra como as instituições militares são, durante a paz, alfobre das maiores virtudes altruistas. Zelosamente administrado por uma corporação, da qual é alma o nosso presado camarada sr. General José dos Santos, o Asilo dos Cegos, de que se trata, pode bem servir de modelo a outras instituições congeneres. Por tudo o exposto lhe desejamos a mais larga prosperidade.

M. S.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Um dirigível monstro. — Apesar da serie de accidentes ocorridos na Alemanha com *Zeppelins*, acaba de se construir o dirigível F. L. 2, o maior até agora conhecido.

A capacidade deste novo dirigível passa de 24:000^m³; a sua carcassa é de madeira e vai munido de duas barquinhas laterais para os motores, e outra central para a tripulação.

A velocidade alcançada na viagem de experiencia subiu a 91^{kl.} por hora, havendo feito depois cêrca de 100.

Na equipagem do dirigível figuram: uma estação de telegrafia sem fios e três metralhadoras.

Estados-Unidos

Alcance de canhões. — São os seguintes :

CANHÕES DE COSTA

Calibre (polegadas)	Comprimento (calibres)	Peso do projétil (libras)	Velocidade inicial (Pés por segundo)	Elevação (grãos)	Alcance (metros)
6	45 e 50	108	2.600	12	11.887
				15	13.258
8	32	323	2.200	12	11.795
				18	14.904
10	35 e 40	617	2.250	12	12.984
				15	14.904
12	35 e 40	1.070	2.250	10	12.070
				15	15.855
12	35 e 40	700	2.700	10	14.356
				15	17.830
12	40	1.070	2.500	10	14.173
				15	18.288
12	40	700	3.100	10	16.459
				15	20.116
14	34	1.660	2.150	15	15.361
14	40		2.360		17.702
14	34	1.200	2.500	15	17.190
14	40		2.775	15	19.568
16	35	2.400	2.250	15	17.007
12	morteiro	1.046	1.800	15	19.019
			910	45	6.692
			1.050		8.583
			1.200		10.747
12	»	700	1.140	45	9.601
			1.500		13.982
			1.800		17.665

CANHÕES DE MARINHA

Calibre (polegadas)	Comprimento (calibres)	Peso do pro- jectil (libras)	Velocidade inicial (Pés por se- gundo)	Elevação (grãos)	Alcance (metros)
12	50	870	2.900	15	21.945
12	45	870	2.700	15	20.116
14	45	1.400	2.600	15	10.202
12	50	850	3.010	15	22.744
13,5	45	1.250	2.700	15	19.804
15	45	1.950	2.500	15	19.378
15	45	1.950	2.500	45	?
12	35	1.070	2.250	45	32.365

França

Reorganização do exercito cherifiano. — O plano de reorganização deste exercito proposto pelo general Lyautey, é o seguinte:

A infantaria será reconstituída sobre o tipo da companhia sem formação de batalhão; a cavalaria, sobre o tipo de esquadrão; uma secção de artilharia será mantida, mas reforçando os quadros europeus; uma secção de engenharia será igualmente conservada.

De 4 companhias de infantaria, 3 ficarão até nova ordem em Rabat, Berichid e Settat. A quarta, exclusivamente composta de gente do Haonz, ficará em Fez.

De um esquadrão e meio de cavalaria, dois pelotões estão destinados a Rabat, um a Séfron e três a Fez. Um pelotão de instrução com graduados marroquinos, será destinado a Meknes ou a Rabat.

Os officiaes marroquinos são mantidos até ao posto de tenente.

Finalmente, duas repartições de contabilidade, sob a direcção immediata do general Brulard, serão criadas, uma para a infantaria, e outra para a cavalaria.

Granadas «Aasen». — I — Granadas para uso dos balões dirigiveis e aeroplanos. — O consideravel desenvolvimento que tomou a aeronautica nos ultimos tempos, obriga-nos a falar dos engenhos que os balões dirigiveis e os aeroplanos podem utilizar como meios de destruição.

As granadas até aqui empregadas apresentavam um ou varios dos inconvenientes seguintes:

1.º — As granadas que rebentam sob a acção dum precutor (geralmente são lançadas de grande altura) enterram-se tão profundamente no solo (devido á sua grande velocidade) antes de rebentar, que os seus efeitos laterais são nulos; os seus estilhaços enterram-se na terra em vez de se dispersarem em todos os sentidos sobre a superficie do solo;

2.º — Uma granada lançada do alto de um aeroplano (quando com a velocidade de cerca de 18^m por segundo) terá, de principio a mesma velocidade que este ultimo. Por consequencia, a granada cairá, não verticalmente, sobre o objectivo visado;

3.º — Se se deixar cair a granada de grande altura, ella possuirá ao

bater no solo uma tão grande velocidade, que os seus estilhaços (que teem, apoz o rebentamento, relativamente a mesma velocidade que a granada), serão projectados, não numa direcção perpendicular ao eixo longitudinal do engenho, mas em direcção obliqua. Quer dizer, mesmo que os inconvenientes mencionados nos §§ 1 e 2 se não produzam, o efeito útil dos estilhaços seria nulo, pois que esses estilhaços se enterrariam obliquamente ao solo, em vez de serem projectados horizontalmente em todos os sentidos;

4.º—Quando a granada estiver pronta para ser lançada, e que se retirar a cavilha de segurança, pode ela rebentar antes de tempo, se fôr lançada desasturada ou involuntariamente; o dirigivel, ou aeroplano, poderia, por esse facto, ficar gravemente deteriorado ou mesmo destruído pelo seu proprio projectil.

Com o emprego das granadas «Aesen», são os inconvenientes evitados pelo modo seguinte:

1.º—A granada é munida dum mecanismo de percussão especial que lhe permite rebentar logo que a ponta choque o solo—quer este seja duro quer mole—ou mesmo uma superficie liquida. Por conseguinte, a granada rebentará sempre acima da superficie do solo, e os seus estilhaços serão projectados horizontalmente em todos os sentidos;

2.º—A granada é munida de um para-quedas, de sorte que ela perde muito depressa a sua direcção horizontal e cai verticalmente sobre o alvo. Encontrará o solo e rebentará sempre em uma posição absolutamente vertical, por conseguinte, produzirá sempre o maximo efeito util;

3.º—Graças ao para-quedas, a velocidade de queda da granada pode ser regulada á vontade, e não exceder, por exemplo, 30 ou 60 metros por segundo. A velocidade de queda não terá uma influencia natural sobre o trajecto dos projecteis, porque o momento em que a carga explosiva se inflama, é regulado de tal sorte que esta influencia é suprimida;

4.º—O mecanismo de percussão da granada é tal que não se pode desprender senão quando este engenho tiver percorrido um espaço de 20^m. Até esse momento o rebentamento da granada é absolutamente impossivel.

A granada prestes a funcionar, pesa cêrca de 3^{kg},300 e contém 400 projecteis que tem um raio d'acção de 25 a 30 metros pelo menos, a partir do ponto de rebentamento.

O peso da carga explosiva é de 900^{gr}.

Esta granada é destinada á destruição de unidades de todas as armas e em todas as formações. Se se tratar de destruir navios, fortes, etc., devem as granadas ser munidas, bem entendido, de cargas explosivas maiores.

II—Granadas de mão «Aesen».—Estas granadas, adotadas por varios Estados, são reconhecidas por toda a parte como as melhores, não só porque em igualdade de peso, teem maior efficácia que as outras, mas tambem porque oferecem ao soldado completa segurança durante o seu transporte e emprego. Se, por exemplo, estando a granada armada, o soldado a deixa cair sobre o solo por inadvertencia, ela não rebenta. Além disso, se este engenho é lançado contra um parapeito, em vez de ser projectado de cima, não pode tão pouco rebentar. É sómente quando a granada se achar a cêrca de 10^m de distancia do soldado que a lança, que o seu aparelho de segurança se desprende, e que ela pode rebentar ao encontrar o menor obstaculo.

As granadas «Aasen» são as únicas que não podem rebentar a uma certa distancia de quem as lança.

III—Granadas «Aasen» para espingarda.—Já tem sido atiradas pela maior parte das armas de guerra em serviço. As novas espingardas de pequeno calibre (7^{mm}, 7^{mm},5, 7^{mm},62, 7^{mm},68 e 8^{mm}). assim como as antigas de maior calibre (9^{mm}, 10^{mm},4 e 10^{mm},15), deram muito bons resultados.

1.^o—Alcance atingido, 400 metros;

2.^o—Possibilidade de atirar a todas as distancias, de 60 a 400 metros;

3.^o—Precisão tão grande que mesmo ás maiores distancias, a granada cai habitualmente em um circulo de 10^m de raio;

4.^o—Depois de ter dado 350 tiros, uma espingarda de 8^{mm} não fica estragada. Para demonstrar a precisão, a velocidade do tiro e a eficacia da granada nas condições de guerra, deve-se fazer menção dos resultados seguintes, obtidos com uma espingarda de 8^{mm}: Um unico atirador, em uma posição completamente coberta, pode, em 15 minutos, destruir uma força inimiga (uma centena de silhuetas) que tinha sido estabelecida a cerca de 220^m de distancia. De 100 silhuetas, foram 82 atravessadas por um ou mais projecteis. O numero de granadas lançadas foi de 19.

Esta experiencia foi repetida á distancia de 375 metros; 74 silhuetas foram tocadas apoz 15 minutos de fogo. O numero de granadas lançadas foi igualmente de 19.

A grande eficacia da granada «Aasen» é devida sobretudo ao facto que ela rebenta sempre a alguns centímetros acima da superficie do solo, isto é, antes de se enterrar nele.

Independentemente do efeito material, importa tambem considerar o efeito moral produzido por estas granadas.

No dizer dos officiais que assistiram a tiros de granadas «Aasen» por salvas, estes produzirão sobre o inimigo efeitos absolutamente desmoralizadores.

Cartuchos para sinais.—Até ha pouco existiam cartuchos para sinais, podendo ser projectados com espingardas de grande calibre (de caça, por exemplo), mas nenhum cartucho deste tipo podia ser disparado com espingardas de pequeno calibre, isto é, espingardas de guerra.

Um sueco, de nome Alberto Schedehlandsen, inventou um cartucho para sinais, que parece satisfazer a todas as condições exigidas. O inventor partiu do principio de que, para um emprego pratico na guerra, um cartucho para sinais deve não sómente produzir luz viva e determinada côr, mas tambem pode ser empacotado e lançado nas mesmas condições que o cartucho de guerra. E' por isso que o envolucro deste cartucho para sinais tem absolutamente a mesma fórmula que o do cartucho embalado; contém uma carga de polvora proporcionada ao alcance que se pretende obter. Para que o cartucho de guerra não possa ser confundido com o cartucho para sinais, o envolucro deste ultimo, possui uma, duas ou três ranhuras transversais, conforme a côr da luz, (branca, vermelha ou verde), ranhuras que, para maior segurança, podem ser pintadas de branco, vermelho ou verde.

O projectil-sinal é ôco, e contém uma composição iluminante.

No momento de ser disparada a espingarda, a polvora contida no envolucro inflama a composição fulminante encerrada em um pequeno tubo de

chumbo, ao mesmo tempo que põe o projectil em movimento. Quando a bala tem percorrido cêrca de 150^m, o tubo de chumbo solta-se e a chama produzida pela composição iluminante salta do projectil. Este ultimo, conforme a inclinação dada á arma na ocasião de disparar, continúa a subir até á altura de cêrca de 200^m e o seu poder iluminante mantem-se até descer até cêrca da 50^m do solo.

Comparação das peças de campanha de 75^{mm} regulamentar com a de 7^{cm},5 Schneider-Canet. —

	75 ^{mm} -1897	75 ^{cm} -1904
Peso da peça em bateria.	1 kg.,140	1 kg.,084
Idem do projectil.	7,240	6,5
Idem da carga de polvora S.	0,700	0,570
Velocidade inicial.	529 ^m	506 ^m

Destroyers aereos. — Depois de ensaios e experiencias satisfatorias, foi aceite pela comissão militar francêsa de aviação, um modelo de aeroplano, cujo fim é destruir os aeroplanos e dirigiveis inimigos, e ainda que não se conheçam as suas características—que é natural permaneçam secretas,—sabe-se, todavia, que o aparelho é revestido com uma chapa d'aço, e que além do piloto levará um passageiro e as quantidades necessarias de bombas e projecteis.

A maquina reúne as seguintes condições:

- 1.^a—Pode adquirir uma velocidade de 137^{kl.} por hora;
- 2.^a—Em três minutos e três quartos pode elevar-se a 500^m.
- 3.^a—Para se elevar e aterrar, não necessita mais de 135^m de espaço.

Espera-se que nenhum aeroplano ou dirigivel que seja visto pela invulneravel, assim poderá escapar á sua acção.

Inglaterra

Duraluminio. — E' uma nova liga de aluminio, cujas qualidades parecem ser muito superiores ás deste ultimo metal.

Foi descoberto por N. B. Weeks, chefe do laboratorio da casa Vickers Sons and Maxim, de Barrow (Inglaterra).

As patentes inglêsas são propriedade desta casa. A propria liga é fabricada pela *Electric and Ordnance Accessories Company*, de Birmingham.

O duraluminio, que contém uma preparação d'aluminio excedendo 90 ¹/₃, com uma densidade de 2,77 a 2,84 (em vez de 2,6 para o aluminio) e cujo ponto de fusão é visinho de 650°, apresentaria propriedades mecanicas analogas ás do aço macio.

Pode ser forjado, laminado, estendido a frio e seria de emprego vantajoso em todas as circunstancias em que ha precisão de um metal leve, mas oferecendo mais resistencia que o aluminio (construção de automoveis, aeroplanos, dirigiveis, navios de grande velocidade, utensilios de cosinha, estribos, bainhas de espada, etc.).

Conforme o uso que se quer fazer, pode-se modificar a sua composição.

As barras de duraluminio laminadas, possuem um limite de elasticidade de 15 a 20 polegadas, com uma carga de rutura de 36 a 41 kilos e um alongamento de 15 a 18 por cento.

O duraluminio pode ser fornecido sob a forma de chapa, barra, fio, tubo, peças forjadas ou estampadas de qualquer secção. Não é destinado a ser empregado para as peças moldadas.

O duraluminio é insensível ás influencias atmosfericas e só é fracamente atacado pela agua do mar e pela agua doce. Não é atacado pelo mercurio e não é magnetico.

E' suscetivel de tomar um belo polido, analogo ao do nickel. Possui, como o aluminio, um som argentino muito puro e pode ser utilizado para sinos, tubos de orgãos, etc.

A casa Vickers fabricou espoletas de duraluminio, parecendo que o Japão tambem as tem empregado.

A composição média do duraluminio é sensivelmente a seguinte :

Aluminio.....	95,00
Magnésio.....	1,00
Cobre.....	3,30
Ferro.....	0,29
Silicio	0,22
Manganez.....	0,19

Ensaio de tração efectuados sobre barras de pequenas dimensões (15 a 20^{mm}) deram :

Resistencia á tracção	39 kg. por mm ²
Alongamento	29 %
Numero de dureza de Brinell	95

As peças de duraluminio parecem, em geral, ter experimentado uma martelagem inergica. Mas perdem, de resto, muito das suas propriedades pelo aquecimento.

Italia

Indemnidade de deslocamento para as familia das praças casadas.—Um decreto recente concede um indemnidade de mudança de residencia ás familias dos sargentos, cabos e soldados, em actividade e auctorisadas, pela auctori-
dade militar a contraír matrimonio. Estas indemnidades compreendem :

1.º O transporte por via ferrea ou fluvial em 3.^a classe, por cada pessoa de familia.

2.º Uma indemnidade fixa de transporte de mobiliario, elevando-se a :

30 francos para familias, sem filhos.

40 » » » com 1 ou 2 filhos.

50 » » » com mais de 2 filhos.

As indemnidades de deslocamento são concedidas ás familias das praças que se encontram nas seguintes condições :

a) Mudando definitivamente de guarnição ;

b) Destacando ou mudando temporariamente por periodo de mais de 6 mēses :

c) Quando de licença ilimitada ou de reforma, indo da actividade ;

d) Em caso de falecimento estando na actividade, comquanto que o deslocamento se efectue em um prazo de menos de um ano apoz o falecimento do chefe da familia ;

e) Em caso de falecimento estando de licença ilimitada, ou de reforma, se a familia não tiver ainda ido para o domicilio escolhido na ocasião de deixar a actividade.

A mudança deve efectuar-se no praso indicado no paragrafo precedente.

As pessoas de familia ás quais são concedidas as indemnidades do deslocamento são a mulher e os filhos vivendo com o chefe de familia. São excluidas as crianças com menos de 3 anos, os filhos com mais de 15 anos e os filhos casados :

Nenhuma indemnidade é concedida ás praças deslocadas temporariamente por tempo indeterminado (mesmo se a duração exceder 6 meses) mandadas para um corpo de tropa mobilizado, obtida a transferencia por conveniencias pessoais ou convocadas para um periodo de instrução.

Japão

Novo material de artilharia. — O Imperador, acompanhado do Ministro da guerra visitou ultimamente a escola de tiro de artilharia em Iotsukaído (provincia de Tchiba) com o fim de observar a eficacia das novas peças de artilharia aperfeiçoadas. Duas baterias ligeiras e uma de montanha (ao todo dezoito peças) executaram, á distancia de 300^m o tiro contra uma posição fortificada. Os arbitros declararam a breve trecho que consideravam a posição inimiga insustentavel.

Então as baterias avaaçaram e abriram fogo sobre a artilharia do adversario em retirada. Esta ultima foi, no fim de pouco tempo, considerado como reduzida ao silencio, e as baterias continuaram a atirar sobre uma nova posição do inimigo que, segundo o tēma do exercicio, efetuaram a retirada.

Segundo o *Japan Times* os resultados deste tiro de guerra, executado com as novas peças, foram excelentes.

Por outro lado, o *Rousskú Invalid* dá as seguintes informações sobre a nova peça de montanha japonesa. E' de pequeno calibre, mas não é inferior, sob o ponto de vista de eficacia, á peça de campanha com a qual os japoneses fizeram a ultima guerra.

A peça é munida de um escudo e póde dar 20 tiros por minuto ; é muito leve, podendo ser desarmada para ser transportada a dorso de muar.

Russia

Estudo de linguas estrangeiras. — O ensino das linguas orientais era ministrado até ha pouco aos officiais russos, quer na secção especial do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, quer no Instituto oriental de Vladivostok : os programas muito extensos e a demasiada importancia dada aos estudos teóricos tornavam este ensino pouco proveitoso para os militares que tem sobretudo necessidade do conhecimento pratico das linguas e dos países em que

elas se falam, e a quem, demais, a frequencia destes Institutos fazia perder o contacto com o exercito, e muitas vezes tambem o gosto do serviço.

Para remediar estes inconvenientes, o Ministro da Guerra creou escolas especiais adstrictas provisoriamente aos Estados nacionais das circunscrições militares do Amour (Vladivostok), do Turkestan (Tachkend) e do Caucaso (Tiflis).

A estas escolas de circunscrição poderão ser admitidos, depois de exame, os officiaes de todas as armas até ao posto de tenente inclusivè, tendo pelo menos dois annos de serviço nas tropas e um na circunscrição (12 em Vladivostock, 5 em Tachkend e 5 em Tiflis).

Os cursos começam no 1.º de outubro; duram 8 meses e terminam por um exame. Os officiaes que passam com distincção serão destacados por 2 annos: os do Amour para a China, Japão, Crocia e Mongolia; os do Turkestan para a Persia e Kochgaria; os do Caucaso para a Turquia e Persia. Durante a sua permanencia no estrangeiro, estes officiaes recebem indemnidades bastante elevadas, e ao terminal-a quando forem nomeados (apoz novos exames) *officiaes interpretes*, outras vantagens pecuniarias e de serviço.

A população do globo.—E' impossivel calcular, mesmo aproximadamente, a população do globo. Com effeito, na maior parte dos países da Asia e da Africa, comprehendendo as possessões europeias, as estatisticas são insufficientes.

Além disso, os recenseamentos apresentam, em muitos países, mesmo de civilisação avançada, grandes difficuldades. Os agentes recenseadores teem a contar com a indifferença, e má vontade ou os preconceitos dos habitantes. As mulheres não são mencionadas por causa da posição inferior que occupam na familia e na sociedade. Quanto aos filhos, sobretudo os de pouca idade, em muitas regiões não são mencionados, ou contentam-se em fazer apenas menção dos rapazes. Estas differenças no modo de elaborar os orçamentos conduziram a resultados muito incompletos.

Não devemos, por isso, ficar surpreendidos se, hoje ainda, os dados mais ou menos autenticos sobre a população do globo só dizerem respeito a dois terços deste. Quanto ao terço restante, cerca de 600 milhões de habitantes, não é objecto de estatistica alguma, (Congo, Nigeria, etc.), ou não foi calculado senão aproximadamente (China, Persia e Turquia).

O calculo da população do globo, durante o seculo XIX e no começo do seculo XX, era o seguinte (em milhões de habitantes):

	1810	1845	1870	1880	1890	1900	1991
Europa.....	180	245	302	328	357	432	402
Asia.....	380	620	724	796	826	820	919
Africa.....	99	90	193	206	164	141	143
America....	21	50	85	100	122	144	152
Australia...	2	4	4	4	10	6	6,7
Total ..	682	1.009	1.308	1.434	1.380	1.453	1622,7

Estes algarismos não teem, evidentemente, senão um valor relativo, porque os calculos dos auctores que se occuparam da questão differem muito con-

sideravelmente. Estas diferenças resultam das estimativas muito variáveis da população da China e da sua dependência — a Mandchuria.

Segundo os auctores, a população da China oscila entre 330 e 447 milhões: a Mandchuria entre 5,5 e 16 milhões.

Em 1906, para repartir a dívida a pagar ás potencias, a Administração das alfandegas chinesas fixou a população da China em 432,2 milhões de habitantes. São numeros adotados por Gulischansharow.

Para o periodo 1906-1908, a população do globo é calculada diversamente.

As diferenças não dizem sómente respeito á população da China mas também á dos outros países cuja população nunca foi recenseada, ou sobre a importancia da qual só possuímos dados antigos.

	Juraschek	Levasseur	Sundhark	Gulichanhasow
Europa.....	430	437	425	431
Asia.....	829	851	907	349
Africa.....	130	126	148	151
America.....	165	171	162	162
Australia.....	7	51	7	7
Total.....	1.561	1.636	1.649	1.700

Pó de alumínio.—Sob o ponto de vista militar, tem-se feito aos balões dirigíveis a grave censura de serem vulneráveis, em razão do seu tamanho, que é de facto um bom alvo para a artilharia, e ainda pela sua natureza, que arrasta, salvo para os balões do tipo Zeppelin, a sua fatal e completa destruição, quando sejam atingidos pelos projecteis inimigos. Contra esta vulnerabilidade só existe um meio de protecção, o qual consiste em colocar o balão fora do alcance das peças de artilharia adversa, mantendo-o então altitudes elevadas, pelo menos eguaes 1500^m e, melhor ainda, proximo de 2000^m.

Mas esta necessidade de altitude arrasta fatalmente um aumento notavel do volume e por consequente de visibilidade. Até agora, o tecido dos balões dirigíveis, era coberto exteriormente com uma tinta amarela, de base de anilina ou de crometo de chumbo, destinada sómente a proteger as camadas interiores de caoutchouc vulcanizado contra a acção destruidora dos raios solares: A côr amarela possui de facto, a propriedade d'absorver os raios violetas e ultravioletas, cujos efeitos prejudiciais são sobretudo para receiar para o caoutchouc. Mas esta pintura em verde diminue a visibilidade do balão, a qual, pelo contrario, é muito menor se se espalhar sobre a tinta amarela inactiva, uma camada uniforme e muito delgada de pó de alumínio.

O tecido, assim polvilhado de alumínio, tem um aspecto metalico brilhante que goza de natural propriedade de reflectir sempre a côr do ceu ou das nuvens. De modo que o balão confunde-se com os objectos que o rodeiam e perde uma grandê parte da sua visibilidade.

Os primeiros balões que foram assim *aluminados*, foram todos esfericos, nos quais o deposito do pó de alumínio tinha por fim contrabater a instabilidade vertical, diminuindo os efeitos dos raios do sol e por consequente a importancia das variações de temperatura do gaz interior. A delgada camada

de metal deposta sobre o tecido reflecto efectivamente, a luz solar e impede assim o aquecimento do gaz, causa primordial de instabilidade. Só mais tarde se constatou a propriedade que possuem os balões aluminados de serem menos visíveis que os outros. O dirigível militar italiano experimentado em 1910 era feito em tecido de rede envernizado e aluminado.

Na Alemanha empregaram, durante as manobras de aerostação em Colonia, em novembro de 1911, dois balões, o M. I e o M. II, de fazenda com caoutchouc e aluminada. Esta, além das vantagens citadas, possui, a de ter uma superfície muito lisa, que facilita o escoamento da chuva ou da agua de condensação, evitando assim ao balão sobrecargas muito consideráveis.

Em compensação, este processo tem o inconveniente de aumentar o peso de 5 a 6 gramas por metro quadrado, que resulta do deposito do pó, e oferecer também o inconveniente, talvez mais grave, de encobrir as alterações que o tecido pôde experimentar.

Consumo de munições de artilharia na guerra actual. — Em um dia de batalha no Marne, uma bateria effectuou 600 tiros por peça e em algumas ocasiões chegou-se a consumir 1.000 tiros por peça e por dia. Em media, num grupo de 3 baterias fizeram-se 400 tiros por peça.

O *The Journal of the Royal Artillery* diz que uma bateria de campanha inglesa (6 peças) deu 1.800 tiros no dia 23 de outubro em um combate em Nieuport e Ostende.

a) Consumo de cartuchos de infantaria. — Os dados que se possuem não permitem saber senão termos medios aproximados por dia de combate ou para o conjunto de uma campanha.

1) *Campanha de 1866 na Bohemia.* — Nos combates de 26 de junho e 3 de julho o exercito prussiano consumiu pouco mais ou menos, 2.000:000 de cartuchos, o que dá termo medio 15 por homem. O regimento n.º 37, que queimou a maior parte das suas munições, fez um consumo de 45 cartuchos por homem.

O exercito austriaco consumiu, termo medio, 55 cartuchos por homem.

2) *Guerra franco-alemã (1870-71)* — a) *Exercito francês.* — O consumo de munições deste exercito não se pode valorizar com precisão senão em certas batalhas do começo da guerra.

As munições estavam distribuidas assim: 91 cartuchos por cada soldado, 62 no trem de combate e 137 nas columnas de munições. Total, 280.

O 6.º corpo, que em 18 de agosto teve o maior consumo de munições, adotou uma media de 60 cartuchos por homem.

O reabastecimento de munições não foi convenientemente organizado; varias companhias, batalhões e até regimentos careceram de munições no decorrer da campanha.

A historia de muitos regimentos attribue sómente a esta falta as perdas sofridas e a contingencia de ter que bater em retirada.

b) *Exercito alemão.* — As munições estão assim distribuidas: 80 por cada soldado, 19 no trem de combate e 70 na columna de munições. Total, 169.

O consumo medio no decorrer da campanha foi calculado aproximadamente em 65 cartuchos por hora.

No exercito francês houve falta de munições, especialmente em 16 e 18 de agosto, em certas unidades empenhadas na primeira linha.

3) *Guerra russo-turca (1877-78) — a) Exercito russo.* — Estavam assim distribuidas as munições: 60 por cada soldado e 70 no trem de combate. Total, 130.

O consumo de munições deste exercito foi bastante moderado; calculam-se em 40 % das transportadas pelos soldados e das conduzidas nos trens.

O maior consumo foi feito pela divisão Skobelef, avaliado em 178 cartuchos por homem, em todo o curso da campanha. Um regimento, o n.º 140, gastou 94 cartuchos por praça em um unico combate: em 30 de agosto de 1877.

b) *Exercito turco.* — Não se sabe com precisão a distribuição de munições. Este exercito fez na sua defensiva um enorme consumo de munições, avaliado aproximadamente em 500 cartuchos por homem.

4) *Guerra russo-japonêsa.*

a) *Exercito russo* — Em principios da guerra a dotação de munições estava assim distribuida: 120 transportada por cada soldado, 36 no trem de combate da companhia, 66 no trem de combate do batalhão, 66 no do regimento, 81 nas colunas de munições. Total, 303.

Os parques do exercito continham, além disso, 164 cartuchos por homem.

O consumo medio parece ter sido um pouco inferior ao do exercito japonês. O general Silvestre calculou-o em 35 cartuchos por homem e por cada dia de combate. Os corpos empenhados na primeira linha fizeram um gasto de munições que chegou a 300 e até 400 cartuchos por praça e por cada dia de combate.

O 1.º batalhão do regimento n.º 36 consumiu durante a batalha de Liao Yang, em 30 de agosto de 1904, 250.000 cartuchos.

Os regimentos n.ºs 138 e 139 de divisão n.º 53 consumiram na mesma batalha de 31 de agosto e 5 de setembro, 100.000 cartuchos.

O regimento n.º 138, da mesma divisão, consumiu nesta batalha, no 1.º de setembro, 190.000 cartuchos e no dia 2, 170.000.

O regimento n.º 139 gastou na batalha de Che-Ho, em 18 de outubro de 1904, 352.000 cartuchos.

O regimento n.º 138 consumiu na mesma batalha nos dias 13 a 16 de outubro 1.990.000 cartuchos, o que dá em media 150 cartuchos por praça e por cada dia de combate.

Os consumos maximos foram os seguintes: O regimento siberiano n.º 34 gastou no 1.º de outubro de 1904 400.000 cartuchos, ou seja 160 por praça.

O regimento n.º 123 gastou em 18 de julho de 1904, 450.000 cartuchos, ou sejam 180 por homem.

O regimento siberiano n.º 33 consumiu em 30 e 31 de agosto de 1904, 925.000 cartuchos (efectivo, 1.400 homens), e durante os mesmos dias o regimento siberiano n.º 34 gastou 1.250.000 cartuchos (efectivo, 1.900 homens, ou seja nos dois regimentos 330 por homem).

O regimento siberiano n.º 138 gastou 974.000 cartuchos ou sejam 400 por homem.

Em resumo, um unico, o n.º 138, em 5 dias consecutivos de combate, fez um consumo de munições superior ao que teve o exercito prussiano durante a campanha de 1865.

Dois regimentos de efectivos reduzidos, os n.ºs 33 e 34 de atiradores siberianos, tiveram em dois dias um dispendio de cartuchos superior ao que teve todo o III corpo alemão em 16 de agosto de 1870.

Apesar de tão grandes consumos, não resultaram crises provenientes por falta de munições.

b) *Exercito japonês* — As munições estavam assim distribuídas: 180 levadas por cada soldado (120 nas 3 cartucheiras e 60 na mochila), 60 nos trens do batalhão, 90 nas colunas de munições (duas por divisão), 150 no parque divizionario e 300 no parque do exercito. Total, 780.

Os dados recolhidos sobre o consumo de munições no exercito japonês não são bastante precisos, mas o dispendio foi calculado pelos proprios japoneses em 20 cartuchos por homem e por dia de combate, pela forma seguinte:

Na batalha de Liao-Yang (8 dias), 600 cartuchos;

Na batalha de Che-Ho (12 dias), 600 cartuchos;

Na batalha de Mukden (15 dias), 750 cartuchos.

Graças á sua admiravel preparação militar, á energia e á inteligencia empregadas para assegurar o reabastecimento de munições em tempo oportuno, as tropas japonesas mui raramente se sentiram com falta de munições no decurso da campanha.

II

PARTE MARITIMA

Inglaterra

O atual primeiro Sea Lord do Almirantado é o almirante Jackson, cooperador de Marconi durante o longo periodo da adaptação da T. S. F. á marinha, e um dos officiais criadores do *Dreadnought*. Desde o inicio da guerra que estava prestando serviço no Almirantado, tendo deixado o lugar de comandante da esquadra do Mediterraneo que antes ocupava.

—Pela primeira vez, os estaleiros Harland & Wolff, de Belfast, receberam a encomenda da construção de um navio de guerra inglês: foi um dos couraçados do programa de 1915-16; deve-se este facto certamente á necessidade de utilizar nas novas construções os estaleiros mais afastados das bases de operação, afim de deixar aos mais proximos o encargo das reparações e manutenção da eficiencia da esquadra.

—Entrou em serviço em 15 de abril o contra-torpedeiro chefe de esquadra *Botha*, o terceiro dos 4 que estavam sendo construidos para o Chili em Cowes e foram requisitados pelo governo inglês no inicio da guerra. Desloca este navio 1:580 toneladas, tendo 100 metros de comprimento e deitando 31 nós, sendo o seu armamento VI de 102/40 e VI tubos.

Este tipo de navio é novo na marinha inglesa, mas a sua utilidade é indiscutivel.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

Inglaterra

- 1 *Government Publications* :
 MILITARY. *Army Veterinary Services Regulations*. 1906. (Reprinted with Amendments to 1st December, 1914) 3d
- Short Histories of Regiments : The Loyal North Lancashire Regiment 1d
- 2 AUSTIN (L. J.) *My Experiences as a German Prisoner*. Illustrated. Cr. 8vo. *Meitrose* net 1/
- 3 *Battles of the South Seas* (The) No. 2. Cocos Island, Coronel, Falkland Islands. Oblong 4to, swd. «*Yachting Monthly*» net 7d
- 4 BELLOC (Hilaire) *Waterloo*. 2nd ed., revised. 12mo, pp. 206. *H. Rees* net 1/
- 5 BRYAN (M. Theresa) *The Soldier's First Aid Book*. 32mo, swd. *Macmillan* net 2d
- 6 DE LIBERT DE FLEMALLE (Gabriel) *Fighting with King Albert*. Cr. 8vo, pp. 340. *Hodder & S.* 6/
- 7 *East Coast Raids by the German Navy and Airships*. Illustrated Memorials. Oblong 4to, swd. *Hood*. net 9d
- 8 FORWARD (C. W.) *Blue Cross at Work*. A Visit to a Horse Hospital for Wounded Horses. 8vo, swd. *Blue Cross Fund* 2d
- 9 GIZYCKI (H. V.) *Exercises in Strategy and Tactics*. New ed. 8vo, pp. 70. *Clarendon Press* net 3/6
- 10 HAYDON (Walter) *Canada and the War*. 12mo, swd., pp. 92. *Arrowsmith* net 6d
- 11 HERRIES (James W.) *Tales from the Trenches*. Cr. 8vo, swd., pp. 118. *W. Hodge* net 1/
- 12 *Holbrook's Drill Diagrams*. Section and Platoon and Company Drill. 12 diagrams illustrating at a glance the Commands, Execution, and Formation. *Cook & Vowles* net 1/
- 13 *Holbrook's Squad Drill* (1914) *Diagrams*. *Cook & Vowles* net 6d
- 14 *Indian Army A B C* (The) Oblong Cr. 8vo, swd. *Thacker*. net 1/
- 15 JOFFRE (General) *My March to Timbuctoo*. With a Biographical Introduction. Cr. 8vo, pp. 176. *Chatto*. net 2/
- 16 KYLE (J. A.) *Tramp Camps and Standing Camps for Boy Scouts*. Cr. 8vo, bds. *J. Brown* net 6d
- 17 MELVILLE'S *Catalogue of War Stamps of 1914-15*. By Fred J. Melville. 24mo, swd., pp. 16. *War Stamp Exhibition* net 3d
- 18 *Naval and Military Members of the University of Glasgow and the University Contingent of the Officers Training Corps now Serving with the Forces of the Crown*. Royal 8vo, pp. 60. *Maclehose*.
- 19 *Notes on Elementary Field Training*. Part 2. By «Grenadier». 12mo, pp. 62. *Hugh Rees* net 1/
- 20 *Notes Quick Training for Active Service*. By X Y Z. 32mo, swd., pp. 111. *Forster Groom* net 1/
- 21 NUTT'S *Soldier's Manual English-French-German*. 16mo. swd. *D. Nutt* net 3d
- 22 *Official Crests of the British Army now in Daily Use*. Royal 8vo. *Gale & Polden* net 1/
- 23 *Recruit Training* (Infantry). 1914. 2nd ed. By Two Officers of the Dorsetshire Regiment. 12mo, pp. 84. *Harrison* net 6d

- 24 *Ships of the British, French, Russian and German Navies. Their Names, Class, Tonnage, and Date of Completion.* 32mo, swd. G. F. Harnden net 6d
- 25 STEWART (Bertrand) *Active Service Pocket Book.* 6th ed. 12mo. pp. 924. Wyman.
- 26 *Things to Know About the War.* Cr. 8vo, swd., pp. 160. Pearson net 1/
- 27 WALLACE (Edgar) *The War of the Nations.* Vol. 2. Folio. Newnes net 5/
- 28 WILLIAMSON (Captain A. P. W.) *Text-Book of Navigation and Nautical Astronomy.* 2nd ed. 8vo, pp. 415. Giere's (Portsmouth), J. Hogg net 7/6
- 29 WINANS (Walter) *Automatic Pistol Shooting, together with Information on Handling the Duelling Pistol and Revolver.* Illustrated. Cr. 8vo, pp. 140. Putnams. net 3/6
- 30 BACON'S *New War Map of the Dardanelles, Sea of Marmora, the Bosphorus.* Bacon net 6d
- 31 BACON'S *Pocket Atlas of the World.* 12mo. G. W. Bacon. net 1/
- 32 BROMAN (Allan) *A Short Course of Physical Training for the Recruits of the New Armies.* Illustrated. 12mo. pp. 58, limp. Bale net 1/6
- 33 DAVIS (Richard Harding) *With the Allies.* Illustrated. Cr. 8vo, pp. 254. Duckworth net 3/6
- 34 HURD (Archibald) *The German Fleet.* («Daily Telegraph» War Books.) Cr. 8vo, pp. 90, Hodder & S. net 1/
- 35 *Active Service Pocket Dictionary and Letter Wallet.* 8vo. Gale & Pol-den net 1/
- 36 ADCOCK (A. St. John) *Seeing It Through: How Britain Answered the Call.* Cr. 8vo, swd., pp. 192. Hodder & S. net 1/
- 37 ATTERIDGE (A. Hilliard) *The World-Wide War. First Stage, a Graphic Record of Events, with Maps and Diagrams.* Cr. 8vo, swd., pp. 188. G. Philip. net 1/; 2/
- 38 FENN (E. A. H.) *Active Service Hints for Boy Scouts.* 16mo, swd. J. Brown net 6d

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, n.ºs 2 e 3 de fevereiro e março de 1915. Salvação marítima. Memórias d'Africa. A mão d'obra no territorio de Companhia de Moçambique. The Climate of Portugal. A Expansão Colonial e a Sciencia. A proposito do rio de Duvida. Le rouge d'hier et d'aujourd'hui. Ideias, factos e homens.
- 2 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 160 de junho de 1915. Alguns trabalhos sobre vacinação — activa e passiva — contra a peste suina. Estrela-vermelha — Protecção dos cavalos na guerra.

Brasil

- 1 *Boletim mensal do Estado Maior do exercito*, n.ºs 2 e 3 de agosto e setembro de 1913. Notas editoriaes. A guerra nos Balkans. As heroínas do Brasil. Serviço de saude em campanha. Para a cavalaria. Impresões de manobras de exercito. Guerra de Cisplatina. Julgamento do resultado no tiro colectivo de combate. Notas sobre a infantaria alemã. Relatorio. O clima do Brasil. no ponto de vista militar. Alimentação e reabastecimento dos exercitos em campanha. Nuvem migrante. Ponto de pontaria colectiva. Conferencia realisada no 10.º regimento de cavalaria. O oficial na infantaria alemã.
- 2 *O tiro*, n.ºs 50 e 51 de maio e junho de 1913. Major Luiz Fonseca. Regulamento de exercicios para infantaria. Marechal Belarmino Mendonça. O maior navio do mundo. Boletim da Confederação do tiro brasileiro. A hora legal.

- 3 *Revista marítima brasileira*, n.ºs 1 e 2 de julho e agosto. O nosso aniversário. Santa Catarina na marinha. O universo ser vivente. Relatório. O novo ministro. Uma excursão proveitosa. Em torno á tática naval. Um novo projecto marítimo muito bom ou muito mau.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejército de Colombia*, n.º 33 de março de 1915. Limites de Colombia. El ejercicio del comando. Al margen de la batalla del Pantano de Vargas. Rectificación al artículo del señor doctor Jiménez Lopez sobre la batalla del «Pantano de Vargas». La trigonometria en una fogá. La fortificación práctica. Servicio veterinario del ejército. Documentos históricos — La campaña de los treinta días. Al través de la prensa extranjera.

Espanha

- 1 *Boletín de intendencia e intervencion militares*, n.º 45 de agosto de 1915. El pan de guerra. Los transportes automoviles en la guerra europea. Nuestras academias militares durante los siglos xvi y xvii. El petroleo en la guerra moderna. Algunas vistas del Establecimiento central de Intendencia.
- 2 *Estudios militares*, n.º 1 de julho de 1915. El infante y el terreno. Las grandes maniobras francesas en 1912. Memoria hecha sobre la base apuntes tomados durante el curso de 1911 en la Escuela de tiro de infanteria. Notas para la historia biografica de los capitanes generales del ejército. Resolución de los problemas tácticos. Breve resumen de la campaña de Tracia.
- 3 *Informacion militar del extranjero*, n.º 6 de junho de 1915. Italia. Sobre la reforma del ejército ingles. Italea — Su flota aérea. La frontera austro italiana. Defensa. Campamentos de prisioneros na Alemania.
- 4 *Revista tecnica de infanteria y cabeleria*, n.ºs 2 e 3 e de 15 de junho e 1 de agosto de 1915. Europa en Africa. La obra militar de la Revolucion franceza. Obras historicas del capitán Sonz Balra. La acción militar y politica de España en Africa á través de los tiempos. Estudios de estrategia y tática general.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.ºs 6 e 7 de junho e julho de 1915. Verdenskrigen for hundrede aar siden. Den vernaplightige officier som instruktør of som avadelings forer. Repport over de franske instruktionskoler por reserve officierer ved infanteriet. Meddelelser pra indogutland.

Perú

- 1 *Boletín del Ministerio de guerra y marina*, n.ºs 5 e 6 de 1 e 31 de março de 1915. Conferenciones de la Escuela superior de guerra (Infanteria administração em campanha. Historia militar. Servicio de sanidade en campaña). Conferencia regional.—Sciencia militar obligatoria. Conferencias regimentarias—Historia militar.

Romania

- 1 *Romania militare*, n.ºs de março e abril de 1915. Cronica. Note asupra serviciului de Stat Major. Noni nigloace de investigatiune si transport pentru serviciul sanitar in companie. Lupta cu carabina, arma si mitraliere contra avioanelor. Comandament si Stat Major. Arkitecture santurilor adaport. Cateva observatiuni asupra unora din regulamentele noastre. Operatiunile pa teatrul de operatiune Ruso-Austro-German.